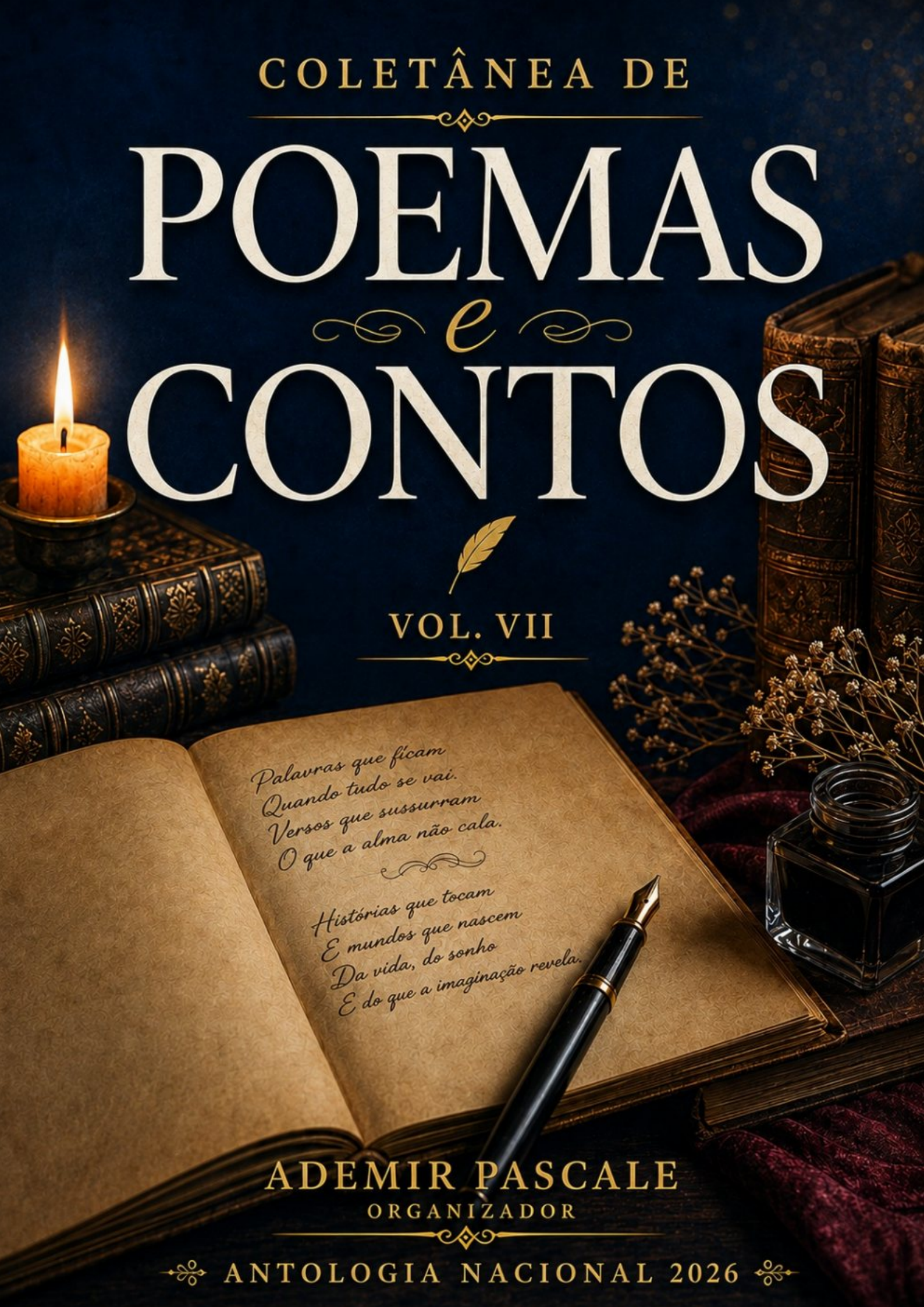
COLETÂNEA DE

POEMAS e CONTOS

VOL. VII



ADEMIR PASCALE
ORGANIZADOR

ANTOLOGIA NACIONAL 2026

ORGANIZADOR

ADEMIR PASCALE

Copyright © por Autores
Projeto editorial por Ademir Pascale
Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos autores
Obra protegida por direitos autorais
Este e-book é parte integrante
da Revista Conexão Literatura
ISBN: 978-65-02-48486-9
2026
Patrocínio:
www.revistaconexaoliteratura.com.br

SUMÁRIO

CLIQUE SOBRE O TÍTULO DO TEXTO DESEJADO

A PESSOA QUE FICOU, POR ACARLOS MISAWA, PÁG. 5
O RETRATO, POR ALEXANDRE MONTEIRO, PÁG. 8
A VIDA SEGUE?, POR BETE PADOVEZE, PÁG. 10
ALMA DO PINTOR, POR BRUNO ROBERTO PADOVANO (B.R.PADOVANO), PÁG. 14
JOYCE, ELA E EU, POR BRUNO ROBERTO PADOVANO (B.R.PADOVANO), PÁG. 19
SORTE NO AMOR?, POR CARLOS ROMERO, PÁG. 24
AUSÊNCIA DE SENTIMENTOS, POR DÉBORA CASTILHOS PEREIRA, PÁG. 29
O CANTO DOS ABISMOS, POR DIONE M. S. ROSA, PÁG. 31
BIQUÍNI LILÁS, POR ELEM PESSOA, PÁG. 36
AQUELA LETRA, POR ELEM PESSOA, PÁG. 38
UM DIÁLOGO, POR ERIC DO VALE, PÁG. 40
LIÇÃO DE VIDA, POR ERIC DO VALE, PÁG. 43
CONTO EMPÍRICO – 6 MIL ANOS DA EPOPEIA, POR FLAVIO JOPPERT, PÁG. 46
VOU TENTAR ESCREVER UM POEMA, POR JOÃO VITOR TÓFFOLI, PÁG. 51
ONDE A NOITE ACENDIA DEVAGAR, POR JONATHAN FRANCIEVERTON DA SILVA, PÁG. 55
O INSPIRAR DA VIDA, POR JOSEANE FONSECA, PÁG. 57
FLOR DE CEREJEIRA, POR JOSEANE FONSECA, PÁG. 59
A ALQUIMIA DOS ELEMENTOS: A TECITURA DA TERRA, DO VENTO E O NASCER DA BORBOLETA, POR KAROLLAINY SILVA, PÁG. 64
A MENINA E O JARDIM PERDIDO, POR LENI CALISTO, PÁG. 69
VENTO SOMBRIO, POR MARCELO CUSTÓDIO DE JESUS, PÁG. 75
O MISTÉRIO DE NEW HAMPSHIRE, POR MARCELO CUSTÓDIO DE JESUS, PÁG. 77
O CANTO DO SABIÁ, POR MARCELO CUSTÓDIO DE JESUS, PÁG. 80
O ÚLTIMO CASO DE ALBERTO MERSA, POR MARCELO CUSTÓDIO DE JESUS, PÁG. 83
EU, PERDIDO, POR MARCELO CUSTÓDIO DE JESUS, PÁG. 86
NUNCA ME ESQUECEREI OU OS PEQUENOS PINGOS TAMBÉM MOLHAM, POR MARIA ROSA DEL GAUDIO, PÁG. 89
BRINQUEDO, POR MARÍLIA VASCONCELOS RODRIGUES, PÁG. 92
DIÁRIO, POR MARÍLIA VASCONCELOS RODRIGUES, PÁG. 94
O METRÔ, POR MARILU F QUEIROZ, PÁG. 96
QUÃO PEQUENOS!, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 99
O AMIGO COZINHEIRO, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 101
OLHAR O MAR, POR SUZANA MARA SACCHI PADOVANO, PÁG. 103
CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO, PÁG. 105

COLETÂNEA DE

POEMAS e CONTOS



VOL. VII

ADEMIR PASCALE
ORGANIZADOR

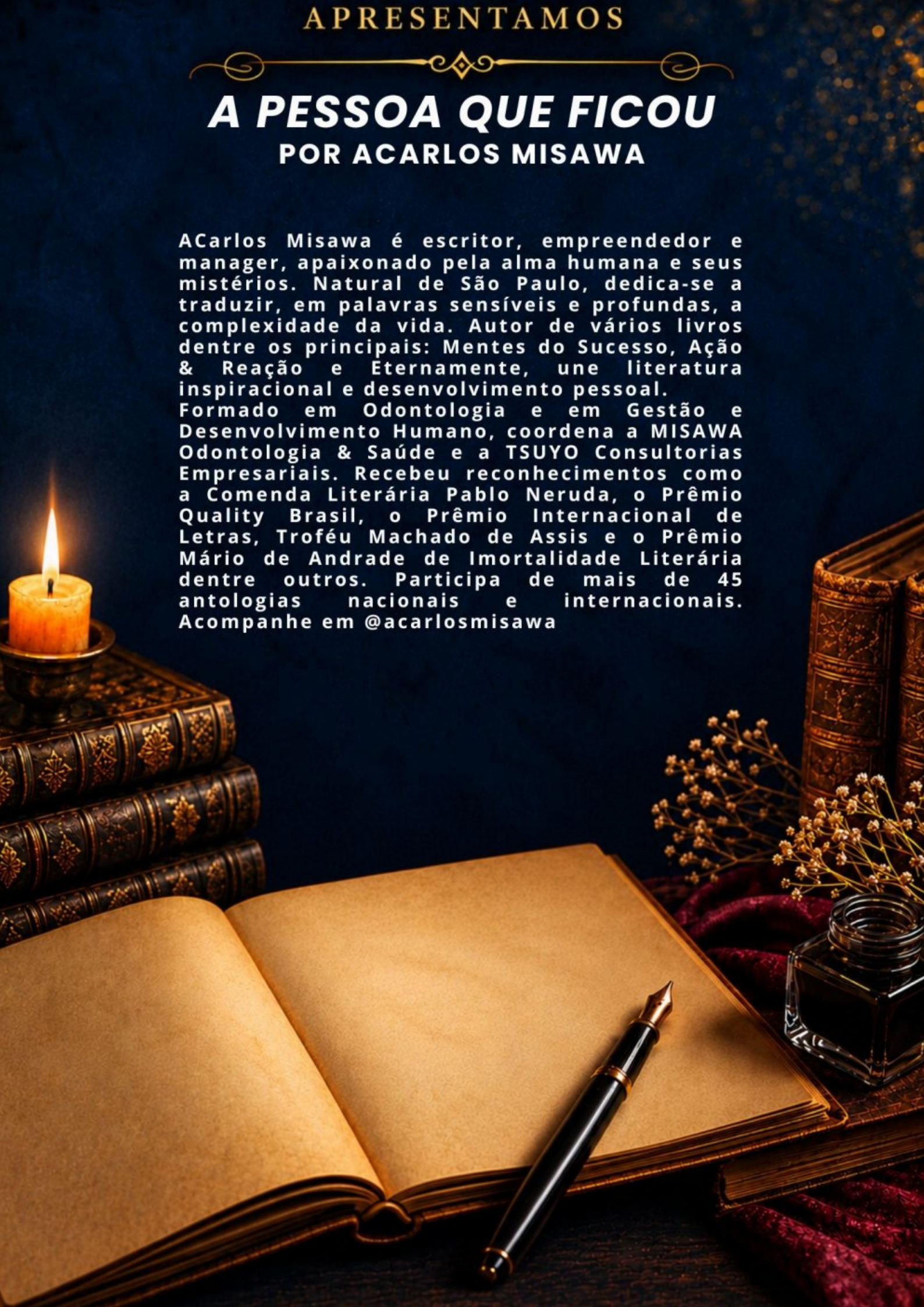
ANTOLOGIA NACIONAL 2026

APRESENTAMOS

A PESSOA QUE FICOU

POR ACARLOS MISAWA

ACarlos Misawa é escritor, empreendedor e manager, apaixonado pela alma humana e seus mistérios. Natural de São Paulo, dedica-se a traduzir, em palavras sensíveis e profundas, a complexidade da vida. Autor de vários livros dentre os principais: Mentes do Sucesso, Ação & Reação e Eternamente, une literatura inspiracional e desenvolvimento pessoal.
Formado em Odontologia e em Gestão e Desenvolvimento Humano, coordena a MISAWA Odontologia & Saúde e a TSUYO Consultorias Empresariais. Recebeu reconhecimentos como a Comenda Literária Pablo Neruda, o Prêmio Quality Brasil, o Prêmio Internacional de Letras, Troféu Machado de Assis e o Prêmio Mário de Andrade de Imortalidade Literária dentre outros. Participa de mais de 45 antologias nacionais e internacionais.
Acompanhe em @acarlosmisawa



Durante muito tempo achei que coragem fosse não chorar. Talvez tenha aprendido isso em casa. Meu pai, quando sofria, ficava mais calado. Minha mãe chorava escondido e, se alguém aparecesse na cozinha, passava depressa a ponta do avental nos olhos. Dizia que era fumaça. Eu acreditava. Ou fazia de conta.

Cresci pensando que ser forte era não precisar, não pedir, não incomodar ninguém com aquilo que doía. Fiquei muito bom nisso. A vida fez o que costuma fazer: trouxe pessoas, levou outras, deu-me alegrias inesperadas e tirou coisas que eu julgava certas. Amei, fui amado, despedi-me. E continuei.

Trabalhava, resolvia problemas, sorria nas fotografias. “Tudo bem?” “Tudo.” Até que, numa tarde qualquer, parei diante do espelho. Talvez estivesse procurando os óculos. Não lembro. Essas coisas que depois parecem importantes quase sempre começam no meio de alguma coisa sem importância.

Os cabelos já não tinham a mesma cor. Havia marcas ao redor dos olhos. Reconheci o rosto, mas estranhei a pessoa. Veio então uma pergunta incômoda: quando foi que aprendi a cuidar de tanta coisa e comecei a me deixar para depois?

Sentei na beirada da cama e chorei. Sem elegância nenhuma. Não era por uma pessoa. Era por muitas. Pelos que morreram, pelos que foram embora, por quem eu mesmo afastei, pelas palavras que não disse e por outras que, se pudesse, recolheria. Chorei também pelo homem que fui deixando para amanhã, pelas vezes em que aceitei pouco para não ficar sem nada e pelos silêncios que mantive porque temia uma porta batendo.

Depois do choro não aconteceu milagre algum. A louça continuava na pia. Havia uma conta sobre a mesa e mensagens esperando resposta. Fui para a cozinha e passei café. Enquanto a água esquentava, abri a janela. A árvore do quintal estava florida. Eu passava por ela todos os dias e não sabia quando aquilo tinha acontecido. Algumas flores estavam no chão; outras ainda fechadas. Num galho quase seco nascia uma folha pequena. Não pensei que a árvore quisesse me ensinar alguma coisa. Só achei bonito. Naquele dia, isso bastou.

Minha vida não mudou na manhã seguinte. Continuei errando, adiando coisas e sentindo saudade. Mas comecei a reparar mais: no amigo que telefonava sem ter assunto, na moça da padaria que desejava bom dia mesmo com os olhos cansados, num senhor

oferecendo o braço à esposa para ela descer um degrau. Coisas pequenas, dessas que acontecem enquanto estamos ocupados procurando acontecimentos grandes.

Comigo mesmo foi pior. Descobri que podemos compreender os erros dos outros e manter um tribunal dentro de nós. O meu trabalhava até aos domingos. Culpava-me pelas escolhas erradas, pelo que não consegui evitar, pelos amores que não soube conservar. Ainda faz isso de vez em quando. Só que agora nem sempre dou razão a ele.

Há manhãs em que gosto do homem que encontro no espelho. Em outras, apenas o tolero. Já é alguma coisa. Parei de exigir dele a força que inventei quando menino. Ele pode cansar, ter medo, sentir falta, não saber o que fazer. Pode chorar.

Às vezes me lembro de minha mãe na cozinha. Não recordo a cor do avental, mas lembro do gesto e da desculpa da fumaça. Quando crianças, imaginamos que nossos pais sabem tudo. Depois percebemos que eles também estavam improvisando. Isso me trouxe uma ternura tardia pelo silêncio do meu pai, pelo avental da minha mãe, pelas pessoas que tentaram me amar com os recursos que tinham. Até por mim.

Outro dia voltei à janela. A árvore já perdera quase todas as flores. Uma caiu enquanto eu olhava e o vento a levou até o muro. Pensei nas pessoas que passaram pela minha vida. Algumas ainda posso chamar pelo nome e elas respondem. Outras respondem apenas dentro de mim: numa música antiga, num cheiro inesperado, numa comida de domingo.

Talvez eu ainda não saiba o que é coragem. Sei apenas que já não acredito que seja suportar tudo sozinho. Hoje me parece mais corajoso continuar querendo bem depois das perdas, confiar outra vez sem a inocência da primeira vez, pedir desculpas antes que o orgulho encontre argumentos e admitir que às vezes não está tudo bem.

Começou a anoitecer. Antes de fechar a janela, olhei novamente para a árvore. Restava uma flor entre os galhos quase vazios. Uma só. Não achei que fosse um sinal. A vida não precisa ficar nos mandando recados. Às vezes uma flor é apenas uma flor.

No corredor passei outra vez pelo espelho. O homem parecia cansado. Mais velho também. Mas havia alguma coisa familiar nele que eu não percebera naquela primeira tarde. Sorri. Ele sorriu de volta.

Na manhã seguinte, a última flor já estava no chão. Abri a janela mesmo assim. O dia estava bonito. Passei café. E fiquei.

APRESENTAMOS

O RETRATO

POR ALEXANDRE MONTEIRO

Alexandre Monteiro, natural do Rio de Janeiro, possui escrita que denuncia seus múltiplos interesses e formações. É mestre em Sociologia Política, arquiteto especializado em História da Arte, docente da Graduação em Design e artista visual. Na Literatura, possui especial admiração por Borges, Kafka e Allan Poe. Não se considera poeta, apenas alguém que expressa suas experiências e percepções, sejam elas as íntimas ou as cotidianas.



Vejo a foto, amarelada.
Vinte anos já nos separam.
E na face, pouco enrugada,
Perco as dores que hoje a marcam.

Inda assim, nela eu me vejo.
Sou eu mesmo essa tal pessoa?
Após tudo o que me ocorreu,
Nesse tempo que em mim ressoa?

A matéria já é diversa.
Tenho as células renovadas,
E as ideias que ora eu trago,
Também elas modificadas.

Que me sobra desse indivíduo,
O qual me olha por tal retrato?
Haverá dele algum resíduo,
Que descubra em novo contato?

Ou já sou eu outro sujeito,
Tão distante do eu antigo,
Que a imagem, não mais aceito,
Dele hoje é mero jazigo.

Sim, sou outro, e já o sei!
O da foto ficou pra trás.
Mas o novo em que me tornei,
Partiu desse que não sou mais.

E o de hoje então morrerá,
Como muitos já o fizeram.
Logo dele só restará,
Outras fotos que se esfacelam.

APRESENTAMOS

A VIDA SEGUE

POR BETE PADOVEZE

Professora particular de inglês e tradutora; secretária bilíngue aposentada, com breve atuação como supervisora de comércio exterior; blogueira; participação em Intercâmbio de Grupos de Estudo-IGE da Fundação Rotária na província de Alberta, Canadá.



O dia hoje amanheceu terrível. A cidade está em colapso energético quase total. Energias eólica, nuclear, termoelétrica, hidroelétrica, fóssil, todas elas, ou estão sob restrição ou economia, ou sob o comando de grandes organizações que cobram do consumidor uma taxa exorbitante.

O cidadão comum, como eu, tem pouco ou nenhum poder sobre os eventos.

Em 2134, tudo depende da energia fornecida pelos grandes grupos. Desde as primeiras horas da manhã até o último minuto do dia. Transporte, alimentação, treinamento, tudo é subordinado ao fornecimento dos diversos tipos de energia.

No início de suas vidas, os seres humanos não recebem educação como se fazia no passado e, sim, treinamento para adaptação à vida no planeta.

Pessoas mais maduras ainda se arriscam a pensar por conta própria, já que o domínio da atividade cerebral ainda pertence (parcialmente) ao indivíduo.

Hoje, por falta de energia, não consigo transferir meus pensamentos para uma tela onde outras pessoas possam ler, o que no passado poderia ser feito num papel ou mesmo numa tela; ainda assim dependiam da ação individual para gravá-los em caracteres legíveis.

Por um lado, isso é bom — por falta de energia, não sendo possível transferir meus pensamentos em caracteres que outros possam ler, tenho mais liberdade para controlar minha própria atividade cerebral.

Está na hora de me alimentar, mas as máquinas de suprimento não estão funcionando regularmente. Com um pouco de paciência, até o fim do dia conseguirei obter os concentrados de que preciso para manter meu corpo.

Gostaria de poder ir até a cidade vizinha, mas o teletransporte está funcionando apenas minimamente. Outra opção seria usar as passarelas aéreas, mas hoje eu precisaria de uma autorização de emergência, o que não é o caso. Enfim, resta-me ficar no meu confortável casulo e aguardar em perfeita dormência. Com isso, economizarei minha energia mental e poderei desintoxicar meus neurotransmissores.

Excesso de tempo, porém, faz meu cérebro começar a pensar. Lembro-me de ter absorvido muita informação sobre tempos passados — um, dois, três séculos atrás.

Coisas curiosas aconteciam naqueles tempos. Uma delas era o sistema de reprodução do ser humano. É inacreditável, mas realmente acontecia — os seres

masculinos e femininos tinham um contato físico íntimo, o que poderia gerar um novo ser humano. Acho isso muito nojento!

Atualmente as coisas são bem simples. O ser humano que deseja criar um novo ser humano pode ir a um profissional, que irá retirar o seu DNA e reproduzir um novo ente sob medida. A escolha é variada — pode ser especificamente feminino ou masculino, ou andrógino, ou multigênero. Há também a possibilidade de comprar um já pronto. Vários centros de vendas têm os novos seres para pronta entrega. Em ambos os casos, é preciso fazer um pedido com antecedência, que será submetido à aprovação do governo.

Soube também que as pessoas davam muita importância ao prazer sexual. Não sei exatamente como isso acontecia, mas hoje prazer pode ser obtido de maneiras diversas — pode ser através de uma pequena pílula, cuja intensidade e duração podem ser escolhidas. Obviamente, quanto mais longo e mais intenso, maior o preço.

Outra maneira é através do consumo de certos fluidos. Ou através de audiovisuais em 5D. Ou produzidos pela massagem de nossos terminais nervosos, em geral feita por dispositivos autômatos previamente configurados.

Bem, o caos energético de hoje pode se estender por algumas horas. Resolvi então fazer uma coisa muito antiga — caminhar. As vias da cidade, normalmente controladas por sistemas eletrônicos, estão quase vazias.

Vejo com preocupação como o sistema de produção de alimentos pode ser profundamente afetado por esse desastre técnico. Os insumos necessários para produzir os concentrados que nos alimentam, que são gerados em grandes tendas providas de vários tipos de energia, podem ter o seu desenvolvimento normal desestabilizado, ou mesmo criar organismos patológicos.

Ouvi dizer que há alguns lugares no planeta onde as pessoas ainda fazem as coisas pelo jeito antigo, ou seja, concebem os filhos por métodos naturais, plantam, colhem e produzem alimentos organicamente, e outras técnicas usadas antes da era tecnológica.

Fiquei muito curioso em conhecer esses lugares. Será que lá há campos de flores iguais aos que vi em fotos antigas?

Hoje não precisamos mais de livros. Porém, eu tenho uma coleção desses objetos antigos, feitos de papel! Eles estão guardados e bem protegidos para serem preservados por muitas décadas. Tenho certeza de que eles terão um imenso valor no futuro para conhecermos um pouco do passado.

A minha cidade foi a origem do primeiro automóvel fabricado no Brasil, o Romisetta. Um exemplar dele está bem preservado no nosso museu histórico. Lá também há imagens daqueles tempos — das fábricas, dos campos de cana-de-açúcar, das casas feitas de tijolos, das roupas feitas de fibras vegetais.

Hoje, em 2134, praticamente não precisamos dirigir automóveis ou caminhões. Os veículos são autônomos, ou teleguiados, e nossa movimentação pode ser feita por teletransporte ou pelas passarelas aéreas.

Aqueles canaviais deram lugar às grandes estufas para produção de insumos, todas elas muito bem cobertas e fora da visão do cidadão comum. Obviamente são dirigidas por grandes grupos ou organizações econômicas ou governamentais, portanto os preços que pagamos para nossa subsistência também são controlados.

O museu também guarda fotos das antigas usinas de cana-de-açúcar, cujas locações hoje abrigam indústrias de componentes eletrônicos de alta tecnologia.

A propósito, em nosso museu há um sistema de visita ao passado. Após agendarmos o horário, podemos nos transportar virtualmente para as telas com as imagens antigas e percorrer aqueles caminhos como se tivéssemos vivido lá.

Os antigos cemitérios já não existem mais. Os restos mortais dos antigos habitantes foram removidos para um grande cemitério vertical, controlado eletronicamente, onde todos estão registrados. Estão lá também aqueles que estavam sepultados no Cemitério do Campo, que ficava na área rural da cidade. Esse cemitério abrigava os imigrantes norte-americanos e suas famílias já falecidos.

O progresso científico mudou muito as cidades de nosso planeta, às vezes para melhor, às vezes para pior. Tudo aparentemente é mais fácil, mais rápido, mas nem por isso somos mais livres, nem mais felizes.

A minha cidade procurou não eliminar o passado das nossas memórias. Assim, podemos valorizar o trabalho dos antepassados e entender o nosso presente. O tempo passa, o mundo muda, e a vida segue. Isso é o mais importante — a vida segue!

APRESENTAMOS

ALMA DO PINTOR

POR BRUNO ROBERTO PADOVANO (B.R.PADOVANO)

BRUNO ROBERTO PADOVANO (Milão, Itália, 1951) é arquiteto e urbanista, professor titular aposentado da FAUUSP, músico, artista plástico e escritor. Reside em uma casa-ateliê em Santana de Parnaíba (SP), no Brasil, com sua esposa, a designer e poeta Suzana Mara Sacchi Padovano, e seus dois cães: um Shih Tzu e uma pequinesa. Atualmente, participa de concursos literários com contos ficcionais, tendo diversos trabalhos selecionados para antologias.



Lentamente, com traços pensados até o limite da leveza, foi traçando os contornos daquela mulher despida, um anjo na penumbra do estúdio. A luz de um resiliente sol outonal penetrava o interlúdio das cortinas, trazendo juntos a morte das folhas e os cheiros dos troncos que as perdiam. Lá fora, as árvores iam se desnudando como aquela frágil criatura deitada, vulnerável e sedutora, à sua frente. “Danação!” disse repentinamente o pintor brasileiro.

A modelo: “O que foi, Andrade?”

“Algo nos meus olhos, *pardonnez-moi, chère demoiselle*. Esta luz repentina do sol, mesmo que enfraquecida pela estação, me deixa, como se diz mesmo... *aveugle d’un œil*.”

“Deixe de falar francês, pá. O que tem com seu olho?” inquiriu.

“É que tenho uma sensibilidade crônica à luz; quando fito tuas costas, foco nos teus seios; tua boca está no lugar errado, ao lado da orelha. Viro meu rosto e vejo, frontalmente, teu traseiro. As pernas, então...” Ela deu uma gargalhada: “O que tem com as minhas pernas, por acaso estão deitadas sobre os ombros?”

“Deus me proteja, Antônio iria odiar isto.”

“Quem é Antônio, se posso te perguntar, pá?”

“Meu marido, um português que escreve para o jornal “Língua Lisboeta”, daqui de Paris. Sabe tudo de todos. Inclusive do teu passado...”

“Como assim, meu passado?”, questionou a modelo, levantando seu rosto, que, para Andrade, se confundia agora com seu umbigo.

“Você e aquela francesa Christine, por exemplo.”

“E daí? O que o seu Antônio tem a ver com a minha amada, pá?”

“Acontece, *ma chère* Alma, que você é portuguesa também, e, sabe como é pequeno este mundo, especialmente em um país minúsculo como Portugal, todos querem saber a vida de todos. E é que teu caso é distinto daquele das portuguesas que têm marido e filhos!”

“Para com isso, Andrade, isso se chama ser lésbica. Mulher que ama mulher. Que mal tem nisso?”, explodiu Alma, coçando seu nariz com o cotovelo (na percepção distorcida do pintor, temporariamente cego de um olho e metade do outro).

“Bem, nós nos chamamos de homossexuais, minha querida Alma. Você não tem nada contra isso, certo?”

“Claro que não, pá. Muito pelo contrário; posar para um pintor homossexual é mais seguro.”

“Como assim, *ma petite merveille*?”

“Não sei se sou isso tudo, mas o safado do Paquito queria me pegar ali mesmo, mal tínhamos começado a trabalhar. Resisti, claro, até que sua mulher irrompeu no ateliê e saiu atrás dele com uma vassoura. Uma loucura, pá!” Curioso, inquiriu o pintor: “Paquito quem, meu anjo?”

“Ah, um pintor espanhol doido e divertido. Ele tem um olhar penetrante, como se quisesse possuir tua alma... Sabe, aquele olhar enlouquecido de espanhol que quer tomar a terra dos outros? Fizeram isso com a gente um montão de vezes, pá! Depois se picaram para a América do Sul e acabaram com várias civilizações por lá. Agora dedicam-se a pintar quadros, especialmente aqui em Paris.”

“Interessante. Os portugueses não deixaram por menos; acabaram com os nossos índios, as florestas, os rios, até com os bichinhos, tadinhos. Chamavam-se de bandeirantes. Ai, me esqueci que você é portuguesa e eu, descendente deles he he he!”

“Tudo bem, foi isso mesmo. Minha avó materna tinha origem Tupi-Guarani. Me contava lindas histórias. Algumas escritas por brasileiros de origem negra, que eu gostava de ler quando mocinha, como Machado de Assis... Agora, posso ver meu quadro?”

“Bem, mal o comecei ele. Não consigo enxergá-lo direito. Mas sim, venha aqui.”

“Pá, mas isso é fantástico, Andrade! Nunca, te juro, nunca em toda minha vida de modelo, vi algo assim. É sensacional! Tu captaste meus conflitos e contradições, pá. Divino e... atual.” E o pintor: “É mesmo, querida?”

“Sim, o teu olho está ótimo. É como se eu estivesse sendo vista de vários ângulos. Nada de arte de museu, com as coisas velhas de uma longa corrente figurativa, conservadora. Te falo isso como modelo, sei muito sobre essas coisas, mas ninguém me dá a mínima, pá. Isso é a arte de um novo tempo, no qual nós, lésbicas — e vocês, homossexuais — teremos finalmente o respeito que merecemos. Somos seres humanos, temos nossas necessidades íntimas a serem respeitadas. Não acha?” Impressionado com tamanha sabedoria, Andrade respondeu: “Sim, acho! É verdade, agora entendi; o desenho mostra isso tudo, mesmo que não tenha sido minha intenção. Vou terminá-lo depois, com calma.”

“Posso trazer Paquito para conhecê-lo, amanhã? Acho que ele vai adorar.”

“Aquele mesmo cuja mulher queria atingi-lo com uma vassoura? Será que é confiável? E se ele roubar essa ideia? E se ele acabar como o nosso Santos Dumont, que fez o primeiro voo humano sem catapulta, aqui em Paris? Até os americanos o copiaram. Dizem que ele era homossexual, como os irmãos Wright, que nunca se casaram. Bem, posso confiar nesse Pablito?”

“Sim, com certeza. Acho que ele está com ideias diferentes e, quem sabe, ele possa te introduzir no grupo dele. Um grupo muito fechado. Não há ninguém que saiba o que estão pensando. Só vi uma natureza-morta, meio torta, em seu estúdio.”

“Acho ótimo, pode trazê-lo, sim. Agora, pode se vestir. Você é uma belíssima crítica de arte. Mas ainda prefiro você como modelo, mesmo que não te enxergue direito.”

“Tenho mais uma pergunta, pode ser? Eu estou procurando um sócio para abrir uma escola de modelos, aqui na França. Isto te interessaria, pá?”

“Não muito, Alma. Estou trabalhando bastante aqui no meu ateliê, infelizmente não tenho tempo para isso. Dinheiro talvez arranje, mas será que esse negócio é bom?”

“Tenho certeza que sim! Já falei com umas colegas, e todas acharam uma ótima ideia.”

“Bem, não vou te negar um pouco de atenção, claro. Tenho contato com outros brasileiros endinheirados no ramo das finanças e outras áreas lucrativas; vou sondá-los. Dois deles compram minhas telas, mas lamento te dizer que não entendem muito de arte, de coisas belas. Só investimentos, retornos, sabem como são essas coisas... Ah, um deles é muito mulherengo. Poderia se interessar em investir numa escola de modelos. Seria uma forma de ele se associar a belas mulheres, sem se dar muito trabalho.”

“Um safado, pelo jeito, pá! Espero que não seja ele. Meu negócio precisa ser profissional, ou vai se tornar um bordel. Entende, Andrade?”

“Entendo perfeitamente. Antônio, meu grande amor, passou por uma escola de modelos masculinos no Rio de Janeiro, onde o dono o perseguia. O sujeito, um cafajeste, casado e tudo mais, o seguia pelas ruas da cidade oferecendo muito dinheiro em troca de favores, digamos, afetivos. Um dia, quando este cafajeste saiu de um bar, dois homens o cercaram e mataram, a sangue-frio. Sei lá, não creio que tivesse algo a ver com Antônio, pode ter sido por causa de outros negócios dele. Este mundo é tão cruel, filha...”

“Pensando bem, talvez seja melhor que fique como uma ideia. Quem sabe uma loja de flores não seria um negócio melhor, Andrade?”

"*Oui, oui*, me parece uma ideia mais tranquila. Aqui em Paris tem uma verdadeira cultura florística, com lojas espalhadas por toda a cidade. Sempre cabe mais uma, especialmente com um toque português, acolhedora e com aqueles bolinhos, como os pastéis de nata e os sonhos, para os clientes. Quem sabe, poderia se tornar uma doceria também, tipo '*Douceurs & Fleurs*'."

"Então, fale com seu outro investidor, se se interessaria em montar uma floricultura dessas, pá..."

"Pode deixar, desde que a senhorita decore o ambiente com meus quadros!"

"Fechado, Andrade." Alma sorriu educadamente, se vestiu e logo saiu. Para seu espanto, na despedida, ela lhe deu um beijo na bochecha.

"Adeus, Andrade, te adoro, pá!"

"*Adieu, ma belle! Je t'aime aussi*."

Sozinho, o pintor recolheu-se diante de sua obra apenas esboçada e pensou, entre seus botões: "Mas que obra endiabrada é essa? *Merde*! Esses meus olhos, meu Deus!" Distraído, perdeu-se em pensamentos estéticos e fitou mais uma vez a intensa luz do sol na fresta entre as cortinas. Por causa disso tudo e devido à sua fotofobia crônica e irreversível, o refinado artista ficou cego, de forma definitiva. Mas sua paradigmática e vanguardista obra continuaria viva, nas pinceladas de outros artistas.

Na arte e na vida tudo se copia e, assim, nada se perde, nem mesmo uma ruptura artística acidental como aquela.

APRESENTAMOS

JOYCE, ELA E EU

POR BRUNO ROBERTO PADOVANO (B.R.PADOVANO)

BRUNO ROBERTO PADOVANO (Milão, Itália, 1951) é arquiteto e urbanista, professor titular aposentado da FAUUSP, músico, artista plástico e escritor. Reside em uma casa-ateliê em Santana de Parnaíba (SP), no Brasil, com sua esposa, a designer e poeta Suzana Mara Sacchi Padovano, e seus dois cães: um Shih Tzu e uma pequinesa. Atualmente, participa de concursos literários com contos ficcionais, tendo diversos trabalhos selecionados para antologias.



Cinquenta anos de casamento celebrados com minha esposa em 2024 me lembram algumas palavras do revolucionário escritor irlandês James Joyce, que escreveu a seguinte frase: “O amor ama amar o amor.”

Essa constatação não tem, per se, nada de revolucionário, pelo menos à primeira vista. No entanto, a redundância intencional da frase implica algo surpreendente. Há um círculo virtuoso (ou vicioso?) em ação. A frase inicia-se com ‘O amor’ e termina com ‘o amor’. Usou algo parecido em Finnegans Wake, a mesma frase na primeira e última páginas do livro. Um espelho? Uma enfatização? Uma epanalepse? A necessária complementaridade entre o fascínio do amor com sua realização (permanência)?

Será que Joyce, afinal, conheceu o amor? Pelo jeito sim. Fora casado com a camareira Nora Barnacle numa relação que durou a vida toda, desde que a conheceu em 1904 até 1941, ano de seu falecimento, sendo que o casamento do casal só foi oficializado em 1931. Teve dois filhos, Giorgio e Lucia, de quem se sabe que sofreu com sérios problemas mentais. Curiosamente, Giorgio foi o nome de meu pai, e minha querida sogra canceriana Lucia.

Falamos, outro dia, de James Joyce e disse para ela que o irlandês foi revolucionário demais para minha paciência. Tentei ler “Ulisses” e parei na terceira página, como 99 por cento de seus leitores, ou leitores pretendentes. Não sendo um masoquista, nunca mais procurei outros livros deste autor. Definitivamente não me identifico com a vanguarda. A admiro, mas fujo dela como o diabo da cruz. Minha esposa, muito pelo contrário, se deleita com excessos modernistas, pinta quadros desconstruídos de figuras enigmáticas e abusa no uso de cores estridentes em composições agitadas e complexas.

Me ocorreu que ela e o Joyce poderiam ter uma conversa “de bonde”, enquanto circulam por Trieste, onde o escritor morava há alguns anos. Ela não é bem minha esposa, ainda, mas sim a alma dela, porque ela não havia nascido. Estamos falando de 1914; ela só viria nascer em 1949. Portanto, ela estaria em sua fase pré-alma... Já o escritor teria 32 anos. Ele inicia a conversa, ela o acompanha. Fecho meus olhos e imagino isso acontecendo.

Joyce: “*Nice to meet you! Gogogoing aroundish*? Circulando por aí?”

Ela: “*Yes, sir.* Pretendo ser brasileira no futuro e encontro-me meio perdida nessa bela cidade. Me disseram que é um bom lugar para conhecer artistas e escritores de vanguarda. O senhor seria um deles?”

Joyce: "*Entendolindimdim*, toda cidade é um mistério para mim. Quando escrevo sobre elas, me consomem, me oprimem e, ao mesmo tempo, não poderia viver sem elas. Sim, me considero um vanguardista. Isto acontece quando nós não conseguimos entender o que escrevemos ha ha ha!"

Ela: "Ah, mas então o senhor escreve livros? Um escritor?"

Joyce: "Sim. Tento escrever, mas o problema é que ninguém quer publicar uma obra inovadora e criativa como a minha. Estou muito na frente do meu tempo."

Ela: "Como o entendo! Adoro trabalhar em artes e, quando puder fazê-lo de verdade, vou incluir a literatura entre meus campos preferidos, apesar dos percalços. Tudo de vanguarda, claro."

Joyce: "*Fantasticallygreat*, vou lhe passar o endereço onde o pessoal se encontra. Declamamos poesias, lemos contos e trechos de livros, é bem divertido. Coisas como *satatingsatyricalledgibberish*. Aqui está o *addressodereço*."

Ela: "Não entendi nada, mas obrigada. Meu inglês não é muito bom..."

Joyce: "Mas não é para entender mesmo. Quanto menos as pessoas entendem meu trabalho melhor ele é, *undrestagliby*? A imortalidade é para criadores de coisas que ninguém entendia inicialmente, mas passaram a entender depois. É preciso dar um tempo ao tempo cujo tempo é o tempo."

Ela: "Ah, sim, então eu posso chegar e falar qualquer coisa e como vou usar o português, ninguém vai entender, no tempo que terei daqui a um tempo!"

Joyce: "É por aí, mas isso seria estranho em demasia. Português? Quem fala português hoje em dia?"

Ela: "Bem, no Brasil são muitos, mais de vinte e sete milhões de pessoas. E ainda há Portugal e algumas colônias pelo mundo afora. O número de pessoas deve ser mais do que trinta milhões."

Joyce: "*MyGodedengfur,* é muita gente. Devem gostar de fornicar na tua terra."

Ela: "Não sei, sou virgem ainda."

Joyce: "Tão bonita e ainda virgem! Bem, a Nora, minha mulher, era virgem quando a conheci, mais de uma década atrás, em Dublin. Me deu dois filhos lindos, somos felizes, apesar da falta de dinheiro."

Ela: "Estarei em breve procurando alguém especial, como a Nora achou em você. Mas por enquanto, estou na busca, ninguém me encantou. Nem mesmo na imaginação de coisas que irão acontecer."

Joyce: “Agora sou eu que não estou entendendo ainda. Você, afinal, existe ou somente irá existir no futuro? O importante é querer amar. Já escrevi algo sobre o amor que ama amar.”

Ela: “Estou aqui, não estou? Podemos ser ou não ser, ao mesmo tempo, não é? Quanto ao que escreveu sobre o amor, entendi, mas não entendi. Entende? Mas, em princípio, concordo, James. Soa bonito.”

Joyce: “Como sabe meu nome, *dear lady*?”

Ela: “É que eu ainda não nasci, sei tudo de todos. Estou na minha fase pré-corporal. Eu sei de muitas coisas, você já é bem conhecido e vai ficar mais ainda, muito famoso.”

Joyce: “Mas então você é uma bruxa, que enxerga coisas que não existem? Na Irlanda, chegaram a queimar uma na fogueira... que *absurdationhorrorosum*!”

Ela: “Não sou uma bruxa. Pode se tranquilizar. Sou apenas um espírito que se prepara para reencarnar numa pessoa. Tem que preencher um formulário e acabei, por erro, colocando Brasil, quando deveria ser o British Empire. Mas me deixe nascer que me mudarei para lá!”

Joyce: “Você já tem um nome?”

Ela: “Não, meus pais brasileiros, provavelmente, me darão ainda.”

Joyce: “Bem, adeus, bruxinha!”

Ela: “Até já, Joyce, *see you later at the Caffé Stella Polare*.”

O bonde para e Joyce se despede, graciosamente. Minha mulher observa a cidade pela janela enquanto ele se afasta e, em seguida, desaparece na multidão enlouquecedora...

Ela está sentada na sala de estar da nossa casa e vem com essa história que Joyce sabia das coisas. Sabia agradar uma mulher, diferente de mim, me castigou, como conversa de final de dia. Penso nisso. Já são dez anos de casamento. Será que aguentarei? Falo: “Olha, meu anjo, vou me esforçar mais. Veja que linda frase pensei para você, meu bem, no melhor estilo joyceano: ‘*Marvilheousamenenly estouldar apassionated deeee vocêras, mYEEU eyes olhares dde otheroneuno woorldekar*.’”

Ela: “Você enlouqueceu? Tentar imitar ele, o grande Joyce?”

Eu: “Não, meu amor, só estou te dizendo quanto te amo. Só que, brincando com as palavras como ele fazia, não dá para entender nada mesmo, mas o sentimento está presente. Estou reconsiderando ler Ulisses.”

Ela: “E então, você quer se comunicar comigo ou não? Sempre tão distraído, ocupado com as tuas coisas... E que sentimento é esse? Estou concentrada fazendo pedidos de comida pela internet.”

Eu: “Joyce não tinha que se preocupar com isso. Não tinha delivery na época dele, em Dublin. Saía para fazer compras na rua e é por isso que a cidade estava sempre entre seus olhos e sua alma.”

Ela: “De que cidade você está falando? Moramos em condomínio fechado, filho. Aqui, são poucos que têm alma.”

Procuro achar um sentido em tudo aquilo, levanto, estico meus braços e me pergunto onde estaria o Ulisses a essa altura do campeonato.

APRESENTAMOS

SORTE NO AMOR?

(CONTINUAÇÃO DE "O BAILE DOS CORAÇÕES SOLITÁRIOS")

POR CARLOS ROMERO

Uma mente irrequieta, que busca na escrita a essência de sua alma, autoconhecimento e lidar com suas inquietações.



Depois que retornou das férias, Abelardo continuava hesitante sobre qual ação deveria adotar em relação ao amor.

Em uma noite, recebeu uma ligação de Heloísa, que pediu para terem um encontro.

Abelardo e Heloísa tiveram um breve período de reconciliação, pois os motivos que os levaram ao divórcio acabaram se manifestando novamente. Em suma, Abelardo retornara outra vez ao mundo dos solteiros. Ele caiu em processo de profunda agonia.

Visando aplacar a solidão, Abelardo adotou um gato. Batizou-o de Quincas, por ser admirador de Machado de Assis e do livro “Quincas Borba”, não obstante Quincas, na obra machadiana, seja um cão. O felino e Abelardo desenvolveram uma conexão forte; o bichano supriu a lacuna emocional de Abelardo de certa forma.

Nas reuniões habituais com os amigos em bares, Abelardo recebia todos os tipos de conselhos, desde arranjar encontros em plataformas de namoro a fazer uma consulta com uma taróloga para saber como andava a sua sorte no campo sentimental.

Abelardo sempre foi bastante ressabiado em relação a práticas que pretendem ditar o futuro. Contudo, como não tinha nada a perder, resolveu agendar uma leitura individual com alguém recomendado por um de seus amigos de boteco, Josué. Josué indicou uma pessoa que se chamava Esther. Angustiado com a sua situação de indefinição, Abelardo marcou para a primeira data disponível uma consulta.

No dia designado para a leitura, Abelardo se endereçou até o Centro Histórico de Porto Alegre, haja vista que o local do encontro era em um prédio da capital gaúcha, chegando com antecedência. Antes de iniciar a leitura, com foco específico na vida amorosa do consulente, Abelardo fez um relato de sua vida sentimental, explicitando que não tinha nenhum interesse amoroso em especial no momento, além de informar dados indagados por Esther.

Após concentração e pedido de invocação da espiritualidade e das energias do universo presentes à mesa, embaralhar as cartas, a primeira carta que saiu do tarô foi a do arcano maior chamado “O Carro”, podendo indicar que algo novo estaria a surgir na vida de Abelardo. Depois de outras tiragens de cartas, o diagnóstico de Esther foi este:

— Tu vais conhecer uma nova pessoa, que te trará muita felicidade, disposta a construir uma vida em comum contigo. Essa pessoa te trará estabilidade emocional, será uma relação sólida, de laços muito fortes. Eu diria, pela leitura das cartas, que esta relação está predestinada a acontecer, será um presente da espiritualidade para ti, depois de tanta

provação, será uma conexão de almas gêmeas, de vidas passadas. Acontecerá em breve na tua vida.

Abelardo saiu faceiro de orelha a orelha, depois de ouvir as palavras de Esther, achando que poderia esbarrar com o grande amor de sua vida na primeira esquina que cruzasse, mas não era bem assim. Enquanto caminhava distraído pelo Centro, de fato trombou em uma bela mulher, que lhe proferiu as seguintes palavras, de forma desairosa:

— Veja bem por onde andas, seu desajeitado!

Abelardo estava intrigado em saber quem seria a tal pessoa, quando a encontraria, o que diria a ela. Pensou em seu círculo social e descartou qualquer hipótese de ser alguma conhecida. Não poderia ser no prédio em que morava, posto que não tem intimidade com nenhuma vizinha e nenhuma lhe chama atenção em particular, no trabalho também não poderia ser, já que nenhuma colega manifestou qualquer tipo de sentimento além de amizade no máximo, na academia de boxe menos ainda, eis que é um ambiente masculino de forma predominante. Não restava outra opção a não ser esperar que a tal previsão de Esther ocorresse, caso fosse realidade.

Em uma conversa com seu dileto amigo Felipe, este recomendou que eles saíssem a uma festa, pois provavelmente encontraria a pessoa que seria a ele destinada. Abelardo não concordou com a proposta, respondendo:

— Olha, Felipe, numa festa seria o local menos esperado para encontrar a pessoa que espero. Quero algo diferente de tudo com o que me relacionei antes. As pessoas que vão às festas não vão com intenção de buscar algo sério, querem algo fugaz, sem muito compromisso. Eu já tenho certa idade, venho de um casamento que não deu certo, não sou mais um guri, eu valorizo meus sentimentos, prefiro ficar só, se não encontrar algo que valha a pena.

— Te entendo, Abelardo. E aquele “contatinho” da praia? — respondeu Felipe.

— Dei uma olhada no perfil dela nas redes sociais; a orientação ideológica dela é bem diferente da minha, não iria dar certo.

Passados alguns dias da leitura das cartas de tarô, nenhuma mudança na vida de Abelardo, seus dias eram repetitivos e insossos. Em um desses dias, Abelardo bradava contra Esther, chamando-a de embusteira, sob o olhar assustado e incrédulo de Quincas. Seu tutor amável e gentil tornara-se uma pessoa taciturna e de semblante fechado.

As aparições de Abelardo aos bares se tornaram mais escassas; ele mal visitava seus filhos; nem aos treinos de boxe estava indo. Suas saídas consistiam em ir ao trabalho e ao mercado, porque eram obrigatórias.

Em um sábado pela manhã, Abelardo resolveu ir ao Centro Histórico para verificar os “sebos”, no intento de comprar um livro de poesia. Em um deles, situado na Rua General Câmara, popularmente conhecida como Rua da Ladeira, enquanto verificava uma prateleira, uma moça esbarrou em Abelardo e caiu ao chão. Abelardo a levantou e, de repente, trocaram olhares de forma intensa, como se tivessem sido atraídos por um campo magnético.

A mulher que foi ao encontro de Abelardo possuía estatura mediana, usava óculos, tinha cabelos escuros e lisos, usava coque naquela oportunidade. Seus olhos eram verdes de brilho intenso, pareciam um par de esmeraldas. Abelardo estava petrificado.

Abelardo então resolveu falar com ela, após esta levantar, fitando-a admirado:

— Tu estás bem?

— Bem, obrigada. Como se chama o meu galante herói? — disse a moça de voz doce.

— Me chamo Abelardo. E tu?

— Eloísa.

— Com H ou sem H?

— Sem. Por que a razão da pergunta?

— Nada demais, uma outra hora te explico.

— — Gosta de poesia, certo? O que estavas procurando?

— Neruda. “Cem Sonetos de Amor”.

— Adoro esse livro! O meu favorito é o poema “A Dança”.

— O meu também! — respondeu um entusiasmado Abelardo.

Abelardo parecia estar vivendo em um sonho, nunca havia travado um diálogo tão vibrante com um outro ser humano em tão pouco tempo.

Eloísa disse que precisava sair, pois precisava encontrar seus pais, que a aguardavam em uma loja da Rua dos Andradas. Se despediram, sendo que Eloísa dissera ainda:

— Gostei da tua camiseta.

— Gostas de Joy Division? — respondeu um Abelardo surpreso, que trajava uma camiseta que reproduzia a capa do disco “Unknown Pleasures”.

— Adoro! — disse uma sorridente e radiante Eloísa.

Abelardo estava tão estupefato com os acontecimentos, a ponto de ele ter acabado de esquecer um pequeno e essencial detalhe: pedir o número de telefone celular de Eloísa. Voltou para casa se lamentando por seu vacilo.

Quando colocou a cabeça no travesseiro para dormir, naquele dia, rememorava sorridente e com brilho no olhar cada detalhe do encontro com Eloísa. Estava determinado a retornar à livraria no próximo sábado, na esperança de revê-la.

É de esperança que vive o coração de um ser apaixonado.

APRESENTAMOS

AUSÊNCIA DE SENTIMENTOS

POR DÉBORA CASTILHOS PEREIRA

Débora Castilhos Pereira é estudante de Museologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) com interesse nas relações entre arte, educação, museus e processos de criação. Dedica-se à escrita poética, explorando temas que transitam pela memória, natureza, sentimentos, desejo e experiências humanas.



Medo, soluço, abandono
Alteram a linha do tempo
Das vezes que tentei, tentei.

Restou a junção dos cacos
Desta presença maldita,
A alma que não me deixa
Em paz.

E onde vou divagar
Nos dias em que te vejo,
O êxtase puro
Que quero saciar
Infinitamente.

APRESENTAMOS

O CANTO DOS ABISMOS

POR DIONE M. S. ROSA

Dione M. S. Rosa é mestre e doutora em Teoria Literária (Noite na taverna e O Conde Lopo) de Álvares de Azevedo. É advogada em Curitiba, especialista em Direito Processual Civil; é membro da Academia de Letras José de Alencar/PR com o número 21 – cadeira patronímica Uriel Tavares; bem como da Academia Poética Brasileira/PR com o número 13 – cadeira Augusto dos Anjos. Possui diversos trabalhos ligados ao fantástico e gótico em poesias, contos e romances. Obteve prêmios literários em poesia, participação em diversas antologias de contos góticos e poesias no Brasil e em Portugal. Foi indicada ao Codex de Ouro/2011 pelo livro de sonetos O segredo da rosa. Contato: dirosa19@gmail.com.



I. A Promessa

A tempestade fustigava o convés com rajadas impiedosas de salitre e granizo quando a malha de aço subiu, rangendo sob o peso das correntes. Não era entulho marinho. Entre os nós da rede retorcida, desenredou-se uma silhueta que paralisou a tripulação: do peito aos ombros largos, a anatomia esculpida de um homem; da cintura para baixo, a extensão colossal de uma cauda em azul-cobalto acetinado. Era um sireno das águas profundas.

— Abaixem as armas! Não o firam! — bradou a Dra. Isabela, impondo-se à frente dos marujos que já empunhavam arpões.

Christian, seu noivo, irrompeu das dependências do navio, irritado pelo tumulto, mas sua exasperação converteu-se em espanto absoluto ao deparar-se com o ser aquático.

O sireno rompeu o cordame restante com elasticidade impressionante, fitando a pesquisadora com olhos límpidos da cor exata da água-marinha. Enquanto a cauda ondulava sobre as tábuas úmidas, esboçando uma transmutação fugaz em algo semelhante a pernas humanas, ele sustentou o olhar dela com altivez soberana:

— Minha gratidão por me arrancar dos recifes... Sob essa autoridade bate um coração nobre — pronunciou ele, num timbre grave e aveludado que ressoou fundo na mente da cientista. — Guarde minhas feições, Isabela. Sou Eldric, e voltarei para recompensá-la.

Antes que Christian ou a guarda esboçassem qualquer reação, o sireno lançou-se em um ricocheteio ágil contra a amurada e mergulhou de volta ao oceano. Ele desapareceu na escuridão das águas revoltas, mas deixou cravada na alma de Isabela uma marca indelével — e na mente de Christian, uma cobiça abominável.

II. O Conflito a Bordo do *Nereus*

Doze meses se passaram. Para a comunidade acadêmica e para os patrocinadores de risco, a tese de Isabela concentrava-se na validação taxonômica de seres aquáticos desconhecidos. Para Christian, investidor e chefe administrativo do projeto, o sofisticado iate oceanográfico *Nereus* era uma mina de ouro destinada a render patentes biológicas e ingressos para tanques de exibição. Para Isabela, contudo, toda aquela estrutura não passava do único pretexto viável para reencontrar Eldric.

O presságio confirmou-se na calmaria do Atol do Coral Negro. Ao cair da tarde, enquanto Isabela vigiava a linha do horizonte em silêncio, duas mãos membranosas com garras translúcidas apoiaram-se com firmeza na plataforma da popa.

Eldric rompeu a superfície, banhado pelo reflexo dourado do crepúsculo:

— Você cruzou oceanos para me procurar... ou veio pela curiosidade dos homens da terra?

— Eu sabia que você viria — sussurrou Isabela, aproximando-se da borda, o peito em chamas.

Antes que pudessem tocar as mãos, refletores cegantes dispararam das passarelas superiores em um clarão violento. Ondas de choque emitidas por um pulso sônico rasgaram o ar e desorientaram a fisiologia marinha de Eldric. Redes blindadas com filamentos de titânio desabaram sobre ele, prendendo-o sob as ordens impiedosas de Christian.

— O que você fez?! — gritou Isabela em desespero, tentando intervir, mas foi imediatamente imobilizada por dois marujos armados.

— Mudança de planos, minha cara — desdenhou Christian com um sorriso cínico. — Você foi a isca perfeita. Agora ele será a nossa maior fortuna em terra firme.

III. A Gaiola e a Máscara da Razão

Confinado ao tanque pressurizado de acrílico blindado, Eldric debatia-se contra as paredes, deixando manchas de sangue azulado nas frestas de inox. Afastado da salinidade natural e submetido a varreduras contínuas e biópsias teciduais invasivas, o vigor do guerreiro dos mares esvaía-se a olhos vistos.

Quando Isabela, consternada, conseguiu entrar no compartimento de contenção, deparou-se com um olhar que ardia em puro desprezo e ferocidade:

— Veio admirar a sua presa, doutora? — sibilou Eldric, erguendo o torso para fora da água turva. — O resgate na tempestade para me livrar das redes... tudo não passou de um ardil para me ver sangrar em mesas cirúrgicas?

— Não fui eu, Eldric! Acredite em mim! — suplicou ela, a voz embargada. — Minha tese propunha apenas observar, compreender sua inteligência, a linguagem... seus padrões reprodutivos...

O sireno aproximou-se da grade divisória, exibindo um sorriso sarcástico que desarmou as defesas da cientista:

— Reprodução...? A ilustre pesquisadora atravessou oceanos apenas para desvendar como eu copulo? — Ele inclinou o rosto, perscrutando o rubor instantâneo nas faces de Isabela. — Você mente para si mesma. Seu pulso martela na garganta não por interesse científico, mas por puro fascínio. Você cruzou o mar porque jamais conseguiu me esquecer...

O embate foi interrompido pela entrada abrupta dos técnicos, que dispararam dardos de sedativo concentrado no dorso da criatura. Isabela assistiu impotente ao corpo colossal de Eldric afundar no torpor químico. No convés superior, ao ser encurralada por Christian — que tentou beijá-la à força para selar uma trégua hipócrita —, ela o repeliu com repulsa visceral:

— Não encoste em mim! Você é ganancioso, frio e desprezível. Não existe mais nada entre nós.

IV. O Retorno ao Infinito

Na calada da madrugada, quando os compressores mantinham seu murmúrio mecânico e a tripulação dormia, Isabela esgueirou-se de volta ao laboratório, decidida a encerrar aquele cativeiro a qualquer custo.

Eldric jazia inerte no fundo do tanque, a respiração branquial quase imperceptível em decorrência da pesada sedação. Ajoelhando-se sobre a grade superior da câmara, Isabela tocou a pele gélida do sireno e não conteve as lágrimas que desciam quentes:

— Perdoe-me... eu nunca quis isso para você... — confessou em sussurro, despindo-se da frieza acadêmica para admitir o amor que a consumia.

Inclinando-se sobre a borda metálica, ela uniu seus lábios aos dele. O beijo — impregnado de culpa e entrega irrevogável — agiu como uma centelha vital sobre a fisiologia de Eldric. As pupilas em fenda dilataram-se num lampejo de cor turquesa. Ele ergueu a mão vigorosa e afagou o rosto dela com imensa ternura:

— Você não me traiu, meu amor... foram eles. Venha comigo, Isabela. Há santuários esquecidos nas fossas mais profundas, domos imaculados onde o ar nunca falta e gemas antigas iluminam palácios inteiros. O oceano é um reino soberano, sem jaulas nem cercas de ferro.

Sem hesitar, Isabela deslizou seu cartão magnético pelo painel mestre. Os alarmes silenciados e as comportas da eclusa inferior abriram-se num sopro pneumático. Deixando para trás o anel de noivado e o jaleco branco, ela enlaçou com firmeza os ombros musculosos de Eldric no instante em que a água salgada inundou a rampa de

descompressão. Juntos, cortaram as profundezas como um raio em direção à imensidão abissal.

Ao romper da alvorada, Christian invadiu a câmara vazia. Diante do cilindro deserto e do rastro de escamas azuis que reluziam sobre o piso metálico, foi engolido pela humilhação e pelo rancor. Cego de cólera por ter perdido a noiva cientista e seu troféu milionário, ele socou o vidro oco, jurando revolver cada palmo do oceano até caçar e subjugar o casal aos seus interesses.

APRESENTAMOS

BIQUÍNI LILÁS

POR ELEM PESSOA

Adryelem Pires Pessoa, 26 anos, é formada em Recursos Humanos e Língua Espanhola, além de ser professora por formação. Escreve desde os 13 anos, encontrando na literatura um espaço para dar voz às suas emoções. Na poesia, encontra seu verdadeiro refúgio e sua forma mais sincera de expressão. Influenciada por poetas como Fernando Pessoa e Cecília Meireles, teve um de seus poemas publicado no jornal O Povo. Apaixonada pela literatura, segue escrevendo para o outro, fingindo não ser para si.



Nem o saber de me perder
te fez temer.
Cheguei distraída,
e bastou um instante
para a tarde perder a leveza.
Aquela vista
me disparou o peito
como nunca antes.
Ver-te tão bem
deixou-me mentir
sobre como eu, de fato, estava.
O fardo da encenação
pesa mais
que o de, de fato, protagonizar.
Doeu.
Dói.
A dúvida,
a incerteza,
a vontade,
a limitação.
A carência.
Vieram-me nostalgias
e vontades impulsivas.
Contudo, menti.
Contudo, omiti.
Abracei quem não queria.
Bebi uma cerveja barata
para descer goela abaixo
aquele biquíni lilás.
E esperei.
Não sei exatamente o quê.
Talvez um gesto.
Talvez nada.
Mas esperei. E a tarde passou.

APRESENTAMOS

AQUELA LETRA

POR ELEM PESSOA

Adryelem Pires Pessoa, 26 anos, é formada em Recursos Humanos e Língua Espanhola, além de ser professora por formação. Escreve desde os 13 anos, encontrando na literatura um espaço para dar voz às suas emoções. Na poesia, encontra seu verdadeiro refúgio e sua forma mais sincera de expressão. Influenciada por poetas como Fernando Pessoa e Cecília Meireles, teve um de seus poemas publicado no jornal O Povo. Apaixonada pela literatura, segue escrevendo para o outro, fingindo não ser para si.



Surreal é quando a voz se cala
para que a alma, enfim, cante.
Porque é nesse silêncio
que nasce a minuciosa saudade
de ouvir aquela,
aquela letra.
Há uma beleza estranha
em fechar os lábios
para escutar com atenção
o grito abafado do coração
quando ecoa aquela,
aquela letra.
Ela atravessa o peito
como chuva fina em janela antiga,
dessas que ninguém percebe chegando,
mas molham a casa inteira por dentro.
Faz-me lembrar
o que ainda nem havia sido escrito
em nossa história.
As conversas que não tivemos,
os abraços adiados,
os instantes que morreram
antes mesmo de nascer.
E mesmo sendo esquisito,
mesmo doendo em silêncio,
eu continuo esquecendo, todos os dias,
de te esquecer.
Porque aquela,
aquela letra,
traz de volta tua voz,
teu riso perdido nas entrelinhas,
e a ausência exata
que insiste em morar em mim.

APRESENTAMOS

UM DIÁLOGO

POR ERIC DO VALE

Advogado, escritor e jornalista. Atuante no estado do Ceará, escreve artigos sobre temas jurídicos para portais especializados, além textos jornalísticos de opinião para jornais. Bem como, produções literárias (crônicas, contos e poesias) que são publicados em plataformas literárias, como o Recanto das Letras.



— Lembra-se de que, uma vez, eu te disse que aqui as paredes têm ouvidos?

— Lembro, sim. Por quê?

— Porque quero que continue sabendo disso.

— Aconteceu alguma coisa?

— Não sei, aconteceu?

— Perguntei primeiro.

— E por que você acha que aconteceu alguma coisa?

— Pela forma como você me abordou...

— Então, aconteceu.

— Não aconteceu nada.

— Melhor assim.

— Com licença.

— Espere, eu ainda não terminei.

— Você quer me explicar o que é que está havendo?

— Torno a dizer que aqui as paredes têm ouvidos e olhos também.

— Eu já sei.

— Sabe mesmo?

— Você já tinha me dito isso antes.

— E digo de novo.

— Posso saber por quê?

— Porque fiquei sabendo de uma história sua.

— Uma história minha?

— Uma pessoa veio me dizer que você foi procurar o chefe e disse que precisava falar com ele, pois era de extrema importância. Aí, o chefe perguntou do que se tratava e você disse que era em particular.

— Eu não vou nem perguntar quem foi que te falou isso, porque sei que você não vai revelar, mas posso te garantir uma coisa: isso nunca aconteceu. Pode até ter acontecido e eu não esteja recordando, mas que importância tem isso?

— Não sei se tal informação procede; mas o que me deixou com a pulga atrás da orelha foi que eu tomei conhecimento disso por meio de alguém com quem não tenho nenhuma ligação, sem falar no conselho que essa fonte me deu: “Não acho essa pessoa muito confiável. Muito cuidado!”

— Se eu quisesse aprontar com você, já teria feito isso antes.

— Então, você admite que pretendia puxar o meu tapete?

— Não é bem assim...

— Só te digo uma coisa: caso queira me derrubar, certifique-se, primeiro, se a pessoa, ou as pessoas, para quem você está fazendo a minha caveira é, ou são, de inteira confiança. E eu não estou falando só de mim. Lembra-se daquela figura que foi falar mal do chefe para o pessoal ligado a ele? Nem preciso te dizer como isso terminou, porque você viu com os seus próprios olhos. Aqui, dedo-duro não tem vez.

— Não é, nunca foi e jamais será a minha pretensão puxar o tapete seu ou de quem quer que seja. Acho que não me expressei direito.

— Por isso, eu te digo para tomar muito cuidado com o que diz.

— Vou seguir esse seu conselho.

— Só mais uma coisa: aqui, todo cuidado é pouco.

APRESENTAMOS

LIÇÃO DE VIDA

POR ERIC DO VALE

Advogado, escritor e jornalista. Atuante no estado do Ceará, escreve artigos sobre temas jurídicos para portais especializados, além textos jornalísticos de opinião para jornais. Bem como, produções literárias (crônicas, contos e poesias) que são publicados em plataformas literárias, como o Recanto das Letras.



Inúmeras foram as vezes em que escutei
Comentários para lá de pessimistas,
Sempre que alguma vontade apresentei
De querer dar um passo importante.

Jamais dei ouvidos a críticas
Construtivas de quem nunca
Foi capaz de construir nada.

Contudo, eu não posso negar
Que, desde cedo, aprendi a recuar
A fim de me resguardar
E os meus planos só comigo guardar.

Inúmeras foram as vezes em que,
Silenciosamente, encontrei
Espinhos no meio do caminho.

Inúmeras foram as vezes em que
Solucei e, secretamente,
Lágrimas dos meus olhos enxuguei;
Bem como evitei dar ouvidos
A comentários do tipo: “Não falei?”.

Em silêncio aprendi que desistir
Já me faria um completo derrotado,
Mas que persistir permitiria, sim,
Me tornar totalmente preparado
Para enfrentar todo e qualquer
Tipo de obstáculo por mim encontrado.

Somente hoje entendi por que

Só é digno de entrar para a História
Quem é capaz de terminar tudo
Aquilo que se propôs a iniciar.

Os erros que cometi
foram por todos esquecidos,
Na medida em que passei
A ser contemplado pela glória,
vindo a ser anistiado pela História.

APRESENTAMOS

CONTO EMPÍRICO
6 MIL ANOS DA EPOPEIA

POR FLAVIO JOPPERT

Flavio é poeta, heraldista, esotérico, magista, e acima de tudo ambientalista, sabe que a arte através da estética é a cultura que transforma o mundo num local civilizado. Trabalha no Controle de Endemias do Rio de Janeiro onde é Guarda 1, e Adido Cultural. A poesia, uma das artes das Musas de Perséfone, é a ferramenta de sublimar os problemas e de educar para o amor, respeito, e preservação da natureza. Nasceu em Niterói - RJ em 1973.



Batendo às portas da Era de Peixes, adentrando a de Aquário, pode-se comemorar uma data intermediária. Em torno de 6 mil anos atrás se constituía a consciência da Epopeia de Gilgamesh. Um teor que seria compilado séculos depois e se tornaria uma das obras literárias mais antigas da humanidade. Coincidentemente ela também é escrita por volta de “6 mil” anos após a última Era Glacial.

Gilgamesh, rei de Uruk, é o herói de uma saga mística, em que se discute a existência, o “sobrenatural” e a permanência da consciência.

Há um detalhe, a que se retornará adiante: na saga, ele encontra o segredo da imortalidade, que é uma planta, mas uma cobra rouba dele durante o banho.

(a questão do fruto proibido e de Osíris e Ísis — a presença do réptil)

Quem orienta quanto à imortalidade é Utnapishtim, sobrevivente do último dilúvio (o último dilúvio é o eixo de razão no presente conto).

“Atlântida de Platão (~9.600 a.C., segundo a narrativa)

↓

Göbekli Tepe (~9.600–8.200 a.C.)

↓

Neolítico mesopotâmico

↓

Tradições do Dilúvio

↓

Gilgamesh

↓

Platão”

Uma consciência comum identifica um dilúvio, algo que sobremaneira se mistura com eras glaciais, etc. Ponderando os fatos, quanto à humanidade, entra na penúltima Era Glacial já constituída, com sua existência de 300 mil anos. A última era glacial dura 100 mil anos, após um período interglacial de 15 mil anos. Há 10 mil anos a humanidade se constitui como se entende nos dias de hoje.

É pouco provável que o grupo humano como um todo permanecesse a morar na mesma maloca por tanto tempo e só agora tenha descoberto as potencialidades de inventar. Muito embora a busca pela necessidade seja o que origina a criação, segundo teorias do marketing moderno.

Atlântida seria uma sociedade, como diz Platão: “Nove mil é o número de anos desde que ocorreu a guerra entre aqueles que habitavam além das Colunas de Héracles e aqueles que habitavam deste lado delas.” Ele continua: “Posteriormente, tendo ocorrido violentos terremotos e inundações, em um único dia e uma noite terríveis, toda a vossa força guerreira foi tragada pela terra, e a ilha de Atlântida, igualmente, desapareceu, afundando no mar.”

O mito de Atlântida é 9.000 anos anterior ao relato histórico. Uma conversão cronológica a colocaria 9.600 anos a.C., o que faz uma data aproximada de 11.600 anos, exato momento do último glaciar.

Emerge, e vem à tona, a suspeita de 10 mil anos da existência de uma civilização inteligente no planeta. Dados culturais dos babilônios e de Hiparco permitem extrapolar que havia um sistema iniciático aplicado à astrologia que permitiu identificar o sol percorrendo a faixa zodiacal, em V a.C., o zodíaco dividido em 12 partes de 30º. No século IV a.C., a Precessão dos Equinócios de Hiparco, em 130 a.C. Já o ciclo completo de 26 mil anos é atribuído à astrologia greco-romana clássica.

Tudo isso para perceber que esse conhecimento todo não surge 5 séculos antes de nossa Era. Nenhum humano poderia sobreviver a um momento do ponteiro de um relógio que marcasse as Eras Astrológicas como Era de Peixes, e a então era de Aquário, conceito que se atribui às correntes esotéricas do Iluminismo.

De forma dedutiva, uma série de observações conclusivas da astrologia da época foi mantida por milênios para que então se pudesse criar o sistema “autoexplicativo”.

Fontes trazem relatos de descobertas arqueológicas de 12 mil anos atrás, ainda no final do último glaciar, em que estruturas consideradas pela UNESCO como uma das primeiras manifestações conhecidas de arquitetura monumental humana. Esses monumentos não só indicavam uma civilização como permitiam supor posicionamentos para “estudos” astronômicos, como lua, sol, constelações. Mais um fato para imaginar que quando a teoria é aceita o grupo carregava uma série de informações milenares, que se mantinham íntegras, capazes de sobreviver a pelo menos 1 Era Astrológica. Outro dado interessante é que, se construíram uma estrutura especial assim, é porque já havia a “necessidade”.

Sabiam que, construindo o fato de 12 mil anos atrás, em Göbekli Tepe, estariam com uma estrutura sólida para encontrarem o mistério que buscavam. Por isso construíram

e por isso desenvolveram o sistema. Com centenas de membros iniciáticos estudando e transmitindo o conhecimento mesmo dentro dos glaciares citados.

Retornando à literatura, que coloca em dúvida alguns pontos de ilusão milenar. Atlântida é tão insólita como a Vênus de Willendorf ser uma divindade. Podendo a última ser apenas um amuleto que julgamos segundo nossa visão de mundo e conceitos próprios como humanidade. O fato é que Platão relata Atlântida em “Timeu e Crítias” numa proporção de séculos (90), que é um absurdo para a compreensão. Se ninguém suportaria a existência de uma Era astronômica, imagina um relato de um fato sobre uma civilização que desapareceria, dentro de um sistema julgado como primitivo. Só agora a humanidade se considera portadora do intelectual.

A tradição do Dilúvio mesopotâmico é antiga e possui antecedentes como o relato de Atrahasis (1800 a.C.). Isso abre caminho para identificar obras milenares como as egípcias Textos das Pirâmides, Instruções de Ptahhotep (2400 a.C.), Hinos e Poemas Sumérios, Descida de Inanna ao Mundo Inferior (3000-2300 a.C.). Ainda entre os sumérios: Enki e Ninhursag, Lamentações sobre Ur, Enmerkar e o Senhor de Aratta, e Lugalbanda (2000 a.C.). Como se pode notar, são textos de 4 mil anos de idade que, se comparados com o fato de Atlântida ou Göbekli (não que sejam a mesma situação), colocam os fatos numa distância inimaginável para a compreensão humana. Mantidas por relatos dentro do espectro acadêmico de que “a escrita começa por volta de **3300 a.C.** e já na primeira metade do III milênio a.C. o sistema podia registrar poesia.”

É como se Platão tratasse de um assunto que para a atualidade, de forma comparativa, fosse mais antigo do que as pirâmides.

“Há registros muito antigos de Órion no mundo mediterrânico e do Oriente Próximo. Na tradição grega, Órion já aparece em **Homero e Hesíodo**; as fontes literárias sobreviventes são posteriores, mas preservam tradições provavelmente mais antigas. A constelação também aparece na tradição astronômica mesopotâmica.

No Egito, a região de Órion foi associada a **Sah**, uma figura celeste ligada ao mundo funerário e posteriormente estreitamente relacionada a **Osíris**. Os Textos das Pirâmides, a partir do final do III milênio a.C., possuem uma importante cosmologia estelar.

E existe um dado comparativo especialmente interessante: entre povos aborígenes australianos foram registradas tradições nas quais **Órion é masculino e persegue as Plêiades, concebidas como sete irmãs femininas**. A literatura etnoastronômica observa

que essa estrutura apresenta uma semelhança extraordinária com a tradição grega de Órion e das Plêiades.”

“Órion aparece repetidamente como uma figura masculina associada à perseguição, caça ou movimento em direção às Plêiades.” (o conhecimento antigo comum na humanidade separada antes do último glaciar).

Há indícios de uma estrutura mental na humanidade que não deixa a desejar aos dias de hoje; pode ter existido uma comunidade iniciática que por milhares de anos manteve a transmissão de conhecimento. A estrutura de busca de Gilgamesh se assemelha ao sistema religioso que surgia no mundo.

Comparativamente, dentro de todo o contexto do dilúvio com a semelhança bíblica, até nos fatos cronológicos de que, por volta de 2000 a.C., surgem os textos sobre Gilgamesh e relatos de Abraão. Cerca de 1300 a.C., a epopeia na versão babilônica e Moisés; em 1800 a.C., relatos de Atrahasis compõem, com o Pentateuco e a epopeia, os significativos relatos do dilúvio.

Estar diante de uma ressignificância dos fatos, entender que a busca de Gilgamesh é uma outra versão para a ilusão metafísica humana da existência de um mundo, ou uma dimensão abstrata. É entender que dentro da existência pode-se ser uma experiência cujo destino é o desejo de continuar. Aceitar a morte como Gilgamesh e a não obtenção da imortalidade é o jogo sujo da serpente, na Árvore da ciência do bem e do mal.

Haveria uma estrutura de manutenção dessas informações por milhares de anos, a ponto de passar tanto tempo que, mesmo sendo verdade, não é impossível de acreditar?

APRESENTAMOS

VOU TENTAR ESCREVER UM POEMA

POR JOÃO VITOR TÓFFOLI

João Vitor de Lemos Tóffoli está cursando bacharel em Biblioteconomia, é autor de dois livros: Devaneios de Euforia e Devaneios de Utopia. Atualmente está escrevendo o seu terceiro livro: Chão de Jardim. Assim como, já participou de diversas antologias. João Vitor também é contador de histórias e em sua cidade faz a mediação de saraus literários no sebo café, Café com Letras.



Eu vou tentar escrever um poema...
Ele não terá apenas um tema
e vai se aproximar com bastante euforia,
na tentativa de alcançar uma utopia.

Então, esse poema será sobre dor?
No meu esforço de falar sobre um amor,
acabo mirando na solidão
e na aflição da mágoa da razão.

Então, esse poema tem lágrimas?
Assim como palavras de uma história,
no final e no início da memória.
A chuva é aleatória.

Um ponto sem retorno,
o passado e o presente são um futuro,
um instante no arco-íris na hipótese de capturar,
eu ainda não sei como posso conseguir perder todo o meu ar.
A escadaria é um paraíso
e a morte, meu destino.

Sobre esse poema, o que aconteceu comigo?
Parece que as minhas linhas são de um castigo.
Será que estou dormindo?
O sonho vai se esvaindo.

O poema é um sonho?
Um do qual eu não componho
e é sendo tão surreal como uma obra de arte,
ainda que seja um pesadelo da minha parte.

O poema vira um pesadelo?
Só quando não estou escrevendo,
cada verso vou relendo,
compondo a estrofe do meu castelo.

O poema se constrói como um castelo?
Na verdade, ele nasce de uma ruína,
junto do aroma da cafeína.
O meu título é um flagelo.

A criação de um poema é um flagelo?
Foi concebido num momento de vaidade,
onde a dor abraçou a verdade
e a chama virou o meu modelo.

Então, o poema queima como uma chama?
Sim, para incendiar aquele meu drama.
Numa trama da qual vou perder,
para assim poder me descrever.

O poema é uma descrição?
Ele não pode ser uma prisão.
Uma figura de linguagem detalhada,
no paradoxo de minha nova balada.

O poema badala como alguém morto?
A linha procura buscar um conforto.
A estrofe tem um espaço no intervalo
e as pontuações são mais do que um estalo.

Mas o que é um poema?
Ele é muito mais do que uma peça
de um grande quebra-cabeça

tentando resolver o meu dilema.
Qual é esse dilema?
É simples e complicado,
você vai sair machucado
e isso é um problema.

E qual é o meu problema?
É descrever um fonema.
É a confusão chamada injúria,
decifrada em toda minha fúria.

O poema tem raiva?
Como pode ser uma dádiva?
Não é sobre escrever palavras,
quando se tem as lágrimas.

O poema se faz com lágrimas?
Assim como com dor ou amor.
A inspiração vem da minha ilusão,
na busca incessante da redenção.

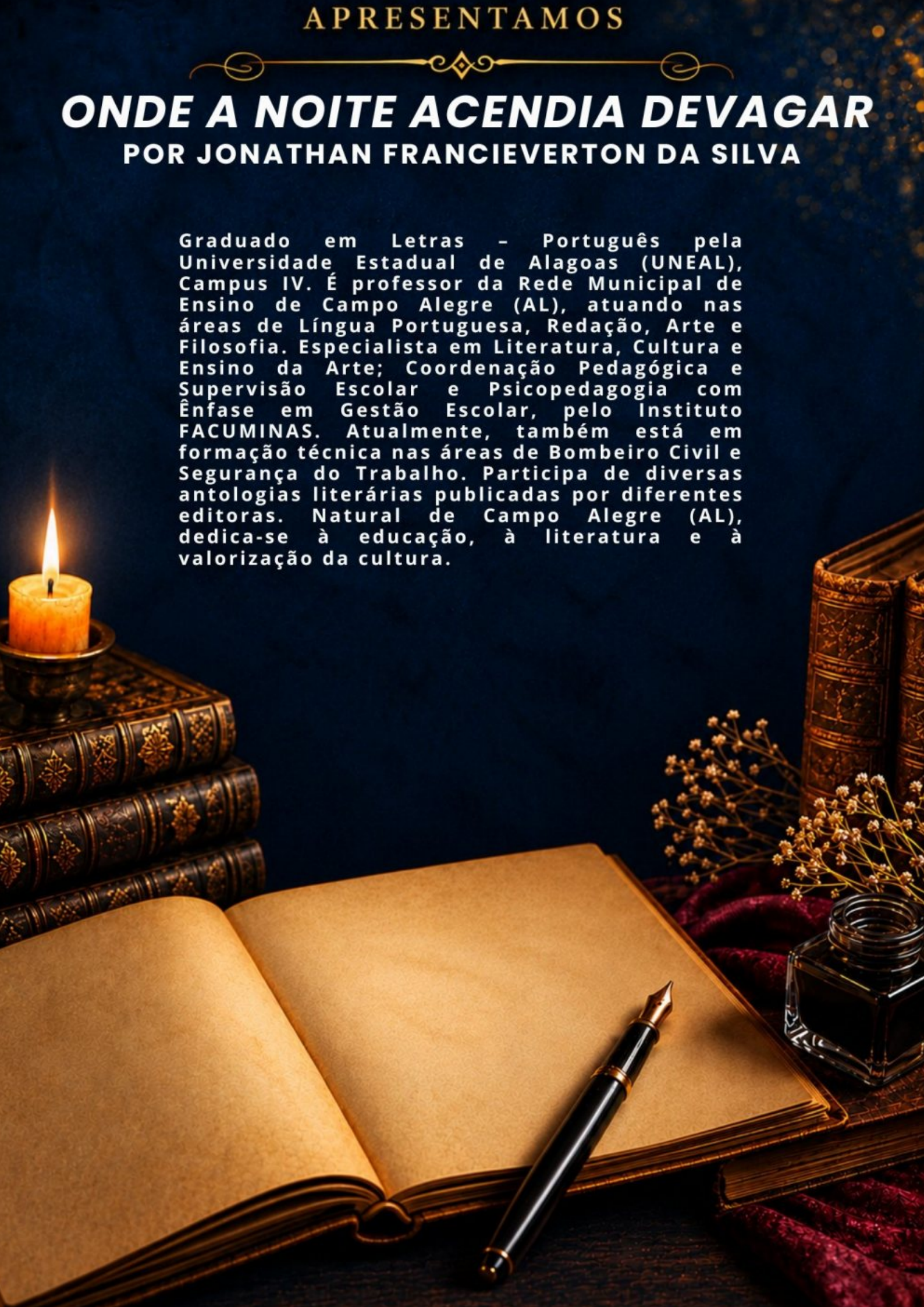
O poema vai tentar me redimir?
Apenas quando for a hora de abstrair.
A minha poesia não termina
quando eu fechar a última cortina.

APRESENTAMOS

ONDE A NOITE ACENDIA DEVAGAR

POR JONATHAN FRANCIEVERTON DA SILVA

Graduado em Letras – Português pela Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL), Campus IV. É professor da Rede Municipal de Ensino de Campo Alegre (AL), atuando nas áreas de Língua Portuguesa, Redação, Arte e Filosofia. Especialista em Literatura, Cultura e Ensino da Arte; Coordenação Pedagógica e Supervisão Escolar e Psicopedagogia com Ênfase em Gestão Escolar, pelo Instituto FACUMINAS. Atualmente, também está em formação técnica nas áreas de Bombeiro Civil e Segurança do Trabalho. Participa de diversas antologias literárias publicadas por diferentes editoras. Natural de Campo Alegre (AL), dedica-se à educação, à literatura e à valorização da cultura.



Havia um tempo em que a noite não chegava de repente. Ela ia se ajeitando sobre as casas, devagarinho, como quem puxava um lençol escuro sobre a cidade.

Primeiro, acendiam-se os postes. As luzes amarelas espalhavam círculos de claridade pela rua, e cada círculo parecia guardar um pequeno mundo. Debaixo deles, as crianças corriam, jogavam bola, brincavam de esconde-esconde e inventavam brincadeiras que não precisavam de nome.

Nas calçadas, os vizinhos colocavam as cadeiras para fora. Conversavam sobre o dia, sobre a vida, sobre coisas que hoje parecem pequenas, mas que naquela época tinham o tamanho do mundo. Uma risada atravessava a rua. Depois outra. E a noite ia ficando cheia de vozes.

As portas permaneciam abertas. Às vezes, alguém chamava uma criança pelo nome. Era hora de entrar. Mas sempre havia mais cinco minutos. Depois mais cinco. E ninguém parecia ter pressa para terminar a noite.

As sombras dos postes se esticavam pelo chão enquanto as crianças corriam. A rua era nossa televisão, nosso parque, nosso encontro e, talvez, nosso primeiro lugar de pertencimento.

Hoje, quando passo pelas mesmas ruas, percebo que até a noite mudou de cor. Os velhos postes de luz amarela foram dando lugar às lâmpadas brancas, mais fortes, mais claras, iluminando tudo sem deixar quase nada escondido.

As calçadas já não têm tantas cadeiras. As conversas diminuíram, as crianças cresceram e as ruas parecem ter aprendido a ficar em silêncio.

Talvez seja por isso que, quando encontro uma antiga luz amarela acesa em algum canto, eu pare por um instante. Não é apenas uma lâmpada. É um pedaço da noite que ainda se lembra de nós.

APRESENTAMOS

O INSPIRAR DA VIDA

POR JOSEANE FONSECA

Joseane Fonseca é professora de Língua Portuguesa e formada em Letras.
Atua na educação desde 2019, conciliando o trabalho docente com a escrita autoral.
É autora de textos, poemas e reflexões sobre a experiência humana.
Criou o projeto Alma em Letras, espaço dedicado à palavra, à leitura e à criação.
É autora do manuscrito A Montanha: Além do Desconhecido, de aventura e fantasia.
Sua escrita busca unir sensibilidade, reflexão e um olhar atento às nuances da existência.



A inspiração soa aos ouvidos, intimamente.
Não é a inspiração que desperta o poeta,
mas é a que alcança os pulmões vivamente:
é a vida sentida, palpável; vida concreta.

É não tomar o sonho que a mim não pertence;
é velejar no próprio sonho, em doce quimera,
e interceder aos céus, desfazer-me em prece.
Sentir: viver é mais que dizer “quem me dera”!

Abandonar o mapa traçado por um impostor,
inspecionar a essência ímpar que foi cravada,
mergulhar no íntimo e arrancar toda dor,
garimpar o melhor ouro da alma cultivada.

Assim, abafar, extirpar a voz alheia e nociva.
Fazer florescer o autoexame é importante
para aperfeiçoar e lapidar a força criativa
que está no inspirar da vida inquietante.

APRESENTAMOS

FLOR DE CEREJEIRA

POR JOSEANE FONSECA

Joseane Fonseca é professora de Língua Portuguesa e formada em Letras.
Atua na educação desde 2019, conciliando o trabalho docente com a escrita autoral.
É autora de textos, poemas e reflexões sobre a experiência humana.
Criou o projeto Alma em Letras, espaço dedicado à palavra, à leitura e à criação.
É autora do manuscrito A Montanha: Além do Desconhecido, de aventura e fantasia.
Sua escrita busca unir sensibilidade, reflexão e um olhar atento às nuances da existência.



Era muito convincente aquele olhar. E sempre foi assim, desde pequena, diziam os seus pais. Ainda bebê, quando começou a engatinhar naquela casa humilde, mas limpa, tão limpa e perfumada que, talvez, ajudou a aguçar a percepção olfativa da menina, porque ela se entregou aos deliciosos aromas e parecia não conseguir viver sem as fragrâncias e, quem sabe, viveria assim até a velhice. Nunca se sabe: as pessoas mudam, de jeitos diferentes, mudam. Ou não. Talvez não fosse o caso dela.

A mãe contou que, quando o pai saía para trabalhar, a criança desfalecia em prantos, querendo a presença dele. Pobre da mãe. Aliás, pobre, não. Muito sábia e cheia de intuições, recebeu a iluminação de colocar uma camisa do pai juntinho da filha e, com toda ingenuidade pueril, a menina se embalava num sono tranquilo. Parecia um neném distinto.

A dissemelhança a envolvia em todas as etapas, em todas as facetas... Uma belezura minúscula de ser humano encantava a muitos, e a doce criança se fascinava a cada dia com a singeleza do viver. A vida florescia como as cerejeiras, deslumbrando olhares, mas com um encanto permanente, não breve como o das flores de cerejeira, que brotam e logo se desvanecem.

A beleza permanente deveria crescer com o indivíduo. Suponhamos que fosse assim.

A mãe ainda contava: ao nascer, a filha quase se tornaria uma estrela, dessas que dizem se fixar no céu e muitos acham fofa esta expressão: virou uma estrelinha. Todavia, aquele olhar inquietante do bebê confundiu o próprio médico, porquanto havia dito à progenitora: — Sua filha não irá sobreviver... Dê-me a menina... A senhora não terá condições financeiras para... Imaginemos que o leitor pensou certo. Naquela época, talvez, a ética profissional estivesse de férias. Só naquela época.

A história é longa. A matriarca ainda revelou ter sentido a filha mexer aos sete meses de gestação. Pode parecer estranho, mas foi assim que aconteceu, e a medicina ainda cambaleava. As novidades não paravam: a bebê nasceu e foi colocada na incubadora; porém, outra quase fatalidade a alcançou — foi trocada na maternidade. Certa feita, a enfermeira entregou à mãe um menino.

— Esse menino não é meu filho! — esbravejou a mulher. — A minha criança é uma menina linda!

— Sim, ela teve uma menina — disse outra pessoa presente no quarto.

Não foi intencional. Dizer que foi proposital constitui julgamento, e apenas pessoas desalmadas e desconfiadas seguem por esse caminho. Afinal, recém-nascidos não fogem de maternidades: eles não andam.

Chegou a hora de saírem daquele hospital. Novos ares lhes sobrevieram. A formosura das cerejeiras voltava a enfeitar a pequena sobrevivente que, pouco a pouco, se infiltrava na imensidão do mundo: descobertas, certezas, incertezas — um emaranhado de complexidades a serem desvendadas. Já em casa, a pequena cerejeira alegrou o ambiente, a família. Enchia o lar de perfume suave e envolvente, característico da flor.

A época de ir à escola chegou, carregada de felicidade e expectativas, assim como acontece com qualquer criança (ao menos, é o que se espera).

— Bom dia, Maria! — soou a voz da professora.

A pequena cerejeira Maria se sentiu entusiasmada com aquele novo ambiente, mas nada se comparou ao ouvir seu nome naquela sala. Logo foi invadida por um sentimento especial e, sim, em sua tenra idade, não sabia explicá-lo com exatidão.

Maria. Maria era o seu nome. A cerejeira estava crescendo e erguia os olhos para o mundo. Embora carregasse dentro de si a ingenuidade da infância, a vida parecia se revelar em seus olhares profundos e observadores.

Maria aprendeu a ler no primeiro ano de escola. À época, as crianças iniciavam o período escolar em torno dos seis aos sete anos de idade. Sem exibicionismo e sem compreender plenamente a dimensão daquela conquista, Maria sorria de felicidade quando as letras e palavras lidas começaram a fluir de sua boca, como pétalas aromáticas levadas pelo sopro do vento, expelidas pelo ar e colorindo o chão por onde passavam. As pétalas faziam sorrir, colorir e enfeitar o crescimento. Era assim que a menina começava a ver a própria existência. Ela gostava de viajar na imaginação e pintar a vida de azul celeste — sua cor preferida. Sempre que seus pais iam comprar roupa, a menina pedia: — Quero azul, da cor do céu. Que ela admirava observar o céu não constituía segredo, claro que não, com aqueles olhares investigadores...

Quando as incertezas chegaram, vieram os deslizes, as mudanças. Levada a se comparar com os outros, manifestaram-se também a busca pela identidade e o anseio pela realização dos sonhos... — de uma coisa nunca abriu mão: ser quem realmente era. Buscava alguém com quem se identificasse, pois, desde nova, achava-se cética em relação a determinados assuntos e demonstrava uma busca pelo conhecimento — algo notável para alguém tão jovem. Duvidava de coisas, mesmo daquelas explanadas na sala

de aula. Ah, essa mania de buscar além nunca a abandonou! Além do mais, nutria o hábito de procurar respostas para as suas inquietações nos livros e em filosofias que ultrapassavam o ambiente escolar.

Assim, a cerejeira cresceu.

Maria tinha um jeito todo especial. Nunca teve aptidão demasiada para festas; era de poucos amigos — somente os bem-selecionados, e olhe lá. Via-se confusa: apesar de ser feliz, tentou se infiltrar na multidão dos extrovertidos; nem precisava contar que foi desclassificada. Ainda bem que isso ficou no passado — as coisas mudam.

Com a chegada da vida adulta, Maria não alcançou grande estatura, mas não se importou, pois acreditava que o mais importante era ver suas raízes crescendo profundamente, penetrando e se espalhando dentro do solo fértil, aerado e úmido. A mente outrora de menina se expandiu, então pôde enxergar as características comportamentais impressas em outras Marias. A vida era bela, tal qual as flores de cerejeira em suas múltiplas fases e tons, na estação apropriada. A contemplação e o estudo das ações humanas levavam Maria para além das aparências. Consideremos que não gostava de nadar na superfície, embora tivesse muito medo de grandes volumes de água — tamanha complexidade, não?

Os pais se orgulhavam da menina e da mulher que Maria se tornara. De fato, por onde passava, a maioria dizia que ela esbanjava doçura e uma leve chatice. É que as pessoas resolvidas, aquelas que não corriam atrás de aprovação, recebiam a nomenclatura de chatas ou de pessoas com personalidade forte. Outrora, era assim.

— Olha, mãe, quão maravilhosas são essas flores!

— São cerejeiras, filha, formosas como você. Ou melhor, você é mais do que elas, pois florescem uma vez ao ano, enquanto você, filha, floresce todos os dias.

— As palavras de sua mãe são muito verdadeiras. Você exala aroma por onde passa, mas é muito mais do que simples cerejeiras.

— Sou muito grata por isso, meus pais. O que seria de mim se não os tivesse em minha vida?

Os três conversavam enquanto caminhavam pela Rua da Saudade, onde as flores forravam as calçadas, e um lindo tapete de pétalas se estendia pelo chão. Ali, Maria compreendeu mais sobre si mesma: há aspectos ilimitados, tons inumeráveis e aromas aprazíveis. As memórias geravam histórias, e cada ser humano, por pequenino que fosse, podia multiplicar, criar e escrever histórias em folhas brancas, embora seus primeiros

rabiscos formassem um desenho: uma flor de cerejeira, assim como Maria gostava de fazê-lo. Sentiu-se mais especial quando, certo dia, ouviu:

— Maria, me sinto excluída... — falava a garota quando as lágrimas faziam seus olhos brilharem. — Ambientes festivos nunca me atraíram muito. Costumo ficar no meu quarto lendo... amo ficar no meu mundo, viver o meu momento. Não é que eu seja triste, é que gosto de coisas profundas.

O olhar de Maria movia-se à procura de diversos mundos. Há muita flor de cerejeira. Há muitas Marias...

APRESENTAMOS

A ALQUIMIA DOS ELEMENTOS: A TECITURA DA TERRA, DO VENTO E O NASCER DA BORBOLETA

POR KAROLLAINY SILVA

Karollainy Maria da Silva é Neuropsicopedagoga e Psicopedagoga clínica, estudante de Psicologia, professora universitária, além de escritora. Nascida em 25 de dezembro de 1991, atua no campo do desenvolvimento humano e, na vida acadêmica, dedica-se à relação entre a Psicologia e os contos, bem como à docência e à atuação clínica, unindo o rigor acadêmico ao cuidado integrativo. Apaixonada por literatura e artes, encontra na escrita criativa, no canto e no violão uma extensão de sua sensibilidade, traduzindo em palavras e melodias a profundidade das emoções e das conexões humanas.



Há uma substância antiga que se molda pelo sopro e nasce onde o vento é verbo: a essência do Ar, leveza que tudo atravessa sem jamais fincar raízes. Sob esse vasto firmamento repousa a Terra, templo das permanências que guarda no musgo e na rocha a sabedoria de tudo o que permanece. Eram reinos opostos no cosmos, até o instante em que a imensidão do alto se inclinou para tocar a profundeza do chão.

Antes que houvesse nome para essa distância, Kaelis sentia o peso do mundo na pedra ancestral, ouvindo as raízes rangerem no escuro. Thalion, suspenso a um palmo do relvado, trazia o aroma das alturas. Ao estender-lhe a mão, entregou-lhe uma azeitona tépida, misturando a poeira das montanhas à umidade da pele dela.

— *Você trouxe a tempestade do norte?* — perguntou ela, sem erguer os olhos da fruta.

— *Deixei-a na crista do pico* — respondeu Thalion, o tom leve como o mover das folhas. — Pensei que preferisse o silêncio do vale.

— *O silêncio do vale é pesado quando não há vento para movê-lo.*

Thalion sorriu e apontou para o fruto dividido na palma dela:

— *Coma metade. O peso fica com a terra; a leveza eu levo para o céu.*

— *O peso e a leveza* — murmurou Kaelis. — *Prometa que não vai esquecer o caminho de volta.*

— *Olhe para a alvorada* — disse ele. — *Enquanto o céu se vestir de rosa ao amanhecer, você saberá que o vento tem casa.*

O Manto da Alvorada vestiu a espera de ambos. Sempre que a brisa trazia esse matiz no horizonte, Kaelis sabia que ele retornava. Sentavam-se no escuro a ouvir a terra respirar, e ela guiava a mão dele até a casca dos pinheiros.

— *A seiva sobe sem pressa. A terra não se apressa, Thalion.*

— *O ar se apressa porque tem medo de parar* — confessou ele.

— *Pois pouse aqui. Eu me encarrego de lembrar que você existe quando o vento se calar.*

Quando se tocaram — pele de argila e essência de brisa —, seus dedos se entrelaçaram num nó denso. Na terceira vez em que as mãos se uniram, uma fagulha dourada acendeu-se entre elas: a primeira réstia de uma luz que pertencia a ambos e a nenhum dos dois.

Na Toca, ele deitou a cabeça no pescoço dela. A casa cheirava a resina fria e rituais simples. Mas Kaelis conhecia a natureza do ar.

— *Tudo o que é feito de sopro guarda a urgência da fuga* — disse ela.

— *Mas tudo o que é feito de amor aprende a pousar* — rebateu ele.

Foi numa noite sem lua que os corpos se buscaram. Kaelis abriu-se como a terra após a seca; Thalion cobriu-a como a névoa cálida da primavera. No ventre de Kaelis, Aurelís começou como o silêncio de uma semente.

Quando o sol anunciou o dia do renascimento do vento, Kaelis preparou uma caixa de oliveira com o solo da Toca e a semente daquela primeira azeitona, enviando-a a Thalion. Sozinha na clareira, buscou o próprio ventre:

— *Enfim, minha pequena. O peso encontrou descanso.*

Mas o destino não honra promessas. Antes que os pés de Thalion tocassem a elevação, o Sopro do Vazio chamou o vento para além do véu, tragando-o para a imensidão. A caixa permaneceu fechada sobre a rocha fria.

Com a partida de Thalion, um inverno rigoroso gelou a Toca dos Elementos, fazendo estalar as rochas e tornando o solo estéril. Antes mesmo que Kaelis reaprendesse a respirar no vazio, o destino cobrou um segundo tributo: a gestação de Aurelís cumpriu-se além do plano físico. Naquela travessia silenciosa, a semente soltou-se da matéria densa para transmutar-se em essência sutil, voando ao encontro da dimensão do pai.

A Toca tornou-se um sepulcro de barro frio. Kaelis deitou-se no chão de pedra e cravou as unhas no solo:

— *Por que me deixou a terra se me tirou o ar? Por que a semente precisa secar antes de dar fruto?*

No ponto mais denso da escuridão, uma réstia rosa e dourada começou a pulsar. Aurelís renascera borboleta-luz, abrindo asas transparentes impregnadas com a essência do pai e a firmeza da mãe.

— *Não chore, minha mãe* — a voz veio como o sussurro das folhas no verão. — *A semente não se perdeu no escuro; rompeu a casca porque meu pai precisava de prumo. Ganhei asas de luz para ser a bússola do seu sopro. A borboleta é a única ponte que pisa na tua terra e dança no ar dele. Levo a poeira do teu solo para aquecer o frio dele e trago o sopro rosado da aurora para regar tua pedra.*

A visão desfez-se em poeira dourada. Kaelis levantou-se e abriu os primeiros sulcos no pátio:

— *Cresçam!* — disse às sementes na argila. — *Este jardim terá o cheiro da terra e a luz do céu.*

Aos poucos, aprendeu a ler a ausência sem luto: na brisa que curvava os pinheiros, acolhia Thalion; no raio rosado da manhã, sorria para Aurelís. A caixa na montanha permaneceu lá, aguardando o fim das eras.

No silêncio mais profundo, Kaelis compreendeu que o futuro não vivido não morre; permanece suspenso como promessa de luz. Os abraços guardados, os risos e os passos interrompidos recusaram-se a virar cinza. Sentada na pedra ancestral, tomou a estaca de ferro e o papiro não para lembrar o passado, mas para inaugurar a realidade: na grafia, a dor fez-se milagre.

— *Você está desenhando o que não foi?* — perguntou o vento.

— *Estou dando corpo ao que a fatalidade não pôde apagar* — respondeu ela. — *O que o tempo roubou da matéria, a palavra devolve à eternidade.*

Com a precisão de quem esculpe a alma na rocha, teceu o invisível. Linha por linha, os sorrisos e planos ganharam cor e forma na tinta, transformando a ausência em presença viva e o rascunho do destino na arquitetura deste mito.

— *E se o tempo apagar o papiro?* — soprou o ar.

Kaelis tocou os sulcos do texto e sorriu com a sabedoria da terra:

— *A matéria é frágil e volta ao pó, mas a palavra dita com a verdade da alma torna-se substância do universo. O futuro que nos foi negado agora existe — real, eterno e florido — nas páginas deste livro. Enquanto houver uma linha traçada no papel e um coração para lê-la, Thalion voará livre, Aurelís bailará como a borboleta que une os céus e o chão, e o nosso amor continuará vivo. Não como um sonho interrompido, mas como a única verdade que nem a morte, nem o silêncio, nem o esquecimento jamais conseguirão apagar.*

Aos meus amores eternos, Tálito e Maria Aurora, que habitam a três metros acima do céu.

A você, Tálito, meu vento firme, que me ensinou que até o sopro mais livre aprende a pousar quando encontra o amor. E a você, minha pequena Maria Aurora, nossa borboleta de luz, que transformou a distância entre a terra e o céu na ponte mais bonita que o coração pode atravessar.

Este conto é a tecitura da nossa história. É a prova de que o tempo não apaga o que a alma gravou, de que a matéria passa, mas o nosso amor permanece — real, infinito e

florido — em cada amanhecer rosado, em cada brisa suave que toca o rosto e nas páginas da eternidade.

Vocês são a minha terra, o meu ar e a minha luz. Para sempre.

APRESENTAMOS

A MENINA E O JARDIM PERDIDO

POR LENI CALISTO

Leni Calisto é carioca,escritora, jornalista, apresentadora, advogada, bióloga e professora.É criminalista e especialista em Direito da Mulher.Atua na defesa dos direitos e na proteção das mulheres.É autora de obras sobre violência, resistência, educação e questões sociais.Desenvolve projetos voltados à educação, cultura e transformação social.Apresenta o programa Vozes, Lutas e Resistências, no Jornal DR1.
Sua trajetória une Direito, Educação, Ciência e Literatura em defesa da vida.



Havia uma menina chamada Rosa que conhecia o mundo pelos pequenos detalhes.

Conhecia o cheiro da terra depois da chuva, o barulho do vento passando pelas folhas e a maneira como a luz do sol entrava pela janela de sua casa nas primeiras horas da manhã. Conhecia também o som das vozes que faziam daquele lugar um lar.

Itamaraju, na Bahia, era mais do que uma cidade para ela. Era o lugar onde suas raízes estavam fincadas. Ali estavam suas lembranças, sua família, sua infância e tudo aquilo que, para uma criança, parecia eterno.

Rosa ainda não sabia que algumas coisas que parecem eternas podem desaparecer em pouco tempo.

Naquele período de sua vida, ela não pensava em perdas. Crianças não costumam imaginar que as pessoas que amam podem simplesmente deixar de estar ali. Para uma menina, o abraço da mãe parece não ter fim. A voz do pai parece fazer parte do próprio ar. A presença dos irmãos parece tão natural quanto o nascer do sol.

Rosa acreditava, como tantas crianças, que o amanhã seria parecido com o hoje.

Mas a vida tinha preparado para ela uma experiência que nenhuma criança deveria conhecer.

Uma doença misteriosa começou a atingir sua família.

E, pouco a pouco, o que antes era vida começou a ser substituído pelo silêncio.

A casa que conhecia risadas passou a conhecer o medo. Os dias, antes preenchidos por pequenas coisas, ganharam uma espera angustiante. Rosa não compreendia completamente o que estava acontecendo. Sabia apenas que as pessoas que amava estavam adoecendo e que alguma coisa muito grave havia entrado em seu mundo.

Depois vieram as perdas.

Uma após outra.

Mãe.

Pai.

Irmãos.

As palavras eram pequenas diante do tamanho do vazio.

Para Rosa, não era apenas a morte de pessoas queridas. Era como se partes de sua própria existência fossem arrancadas dela. Com cada despedida, desaparecia também um pedaço do mundo que conhecia.

A casa já não era a mesma.

Os objetos permaneciam, mas as vozes haviam desaparecido. Os espaços continuavam ali, mas os abraços não. O silêncio ocupava lugares onde antes existia movimento.

Rosa ficou.

Uma menina entre ruínas de lembranças.

Uma menina que havia perdido o jardim inteiro.

Talvez fosse por isso que, muitos anos depois, a imagem da flor se tornaria tão importante em sua história.

Porque uma flor pode parecer frágil.

Pequena.

Fácil de quebrar.

Mas existe uma força escondida em suas raízes que os olhos não conseguem enxergar.

Rosa ainda não sabia disso.

Naquele momento, ela era apenas uma criança tentando entender por que sua família havia desaparecido.

O luto chegou antes que ela tivesse idade para compreender seu significado.

Não houve tempo para uma despedida completa. Não houve tempo para preparar o coração. A infância, que deveria ser espaço de descobertas, brincadeiras e proteção, foi atravessada por uma realidade dura demais.

Rosa precisou aprender cedo que a vida também podia ser silêncio.

E que algumas ausências não deixam espaço para substituição.

Depois da morte de sua família, veio outra forma de sofrimento: o abandono.

Sem o amparo daqueles que deveriam protegê-la, Rosa passou a conhecer a sensação de não ter um lugar verdadeiramente seu. Foi de casa em casa, de braços que não eram os mesmos, tentando encontrar algum vestígio da segurança que havia perdido.

Mas segurança não se encontra facilmente quando o coração ainda procura aqueles que já partiram.

Cada porta que se fechava aumentava a sensação de que ela era uma estrangeira dentro da própria vida.

Era como se o mundo lhe dissesse, repetidamente, que ela não pertencia.

E uma criança que escuta isso muitas vezes pode começar a acreditar.

Rosa poderia ter acreditado.

Poderia ter concluído que sua história estava destinada à solidão.

Poderia ter deixado que a dor definisse quem ela seria.

Mas alguma coisa dentro dela resistia.

Era pequena.

Quase invisível.

Como uma semente enterrada sob a terra.

Ela ainda não sabia dar nome àquela força.

Não sabia chamá-la de resiliência.

Não sabia que um dia compreenderia a importância de suas raízes.

Sabia apenas que continuava respirando.

E continuar respirando, naquele momento, já era uma forma de resistência.

Os anos passaram levando Rosa para longe de Itamaraju. A menina que havia perdido seu jardim cresceu carregando dentro de si as marcas de tudo aquilo que vivera.

A cidade ficou para trás, mas nunca desapareceu completamente.

Porque alguns lugares deixam de estar diante dos nossos olhos e passam a existir dentro da memória.

Itamaraju permaneceu em Rosa como permanecem certas paisagens da infância: misturadas ao cheiro da terra, às vozes que já não podem ser ouvidas e às lembranças que o tempo não consegue apagar.

Foi também nessa memória que permaneceu a presença de sua mãe, Dona Filo, e uma herança que ultrapassava aquilo que podia ser visto.

Havia em sua linhagem uma ancestralidade indígena, uma ligação profunda com mulheres que haviam conhecido a dureza da vida e, ainda assim, continuado de pé.

Rosa não compreendia tudo isso quando era menina.

Talvez ninguém pudesse compreender.

Certas heranças não chegam por palavras.

Chegam pelo sangue.

Pelos gestos.

Pela maneira como uma mulher enfrenta uma dificuldade.

Pela capacidade de continuar quando todos os motivos para desistir parecem existir.

A menina que havia perdido a família carregava, sem saber, uma história maior do que sua própria dor.

Mas naquele momento ela ainda precisava sobreviver ao presente.

E sobreviver significava aprender a caminhar sem as mãos que antes a conduziam.

Significava aceitar que o mundo havia mudado.

Significava enfrentar a solidão.

Significava crescer antes da hora.

Rosa não teve o privilégio de escolher quando seria forte.

A vida simplesmente exigiu força dela.

Foi assim que começou sua longa travessia.

Uma travessia que ainda passaria por rejeições, solidão, amor, traição, maternidade e recomeços.

Uma travessia que a levaria da Bahia ao Rio de Janeiro.

Uma travessia que faria com que ela descobrisse que um lar não é apenas uma casa.

Mas tudo isso ainda estava por acontecer.

Naquele momento, havia apenas uma menina.

Uma menina que olhava para o mundo tentando encontrar alguma coisa que lhe dissesse que ainda existia esperança.

Talvez fosse uma árvore.

Talvez fosse uma flor.

Talvez fosse simplesmente a lembrança de uma voz querida.

A esperança não chegou fazendo barulho.

Não apareceu como uma promessa grandiosa.

Ela permaneceu pequena, escondida, quase imperceptível.

Como uma semente.

E sementes não precisam que ninguém acredite nelas para começar a crescer.

Precisam apenas de tempo.

Rosa também precisaria.

Muito tempo.

Muitas lágrimas.

Muitas quedas.

E muitos recomeços.

A menina que havia perdido o jardim ainda não sabia, mas um dia compreenderia que não precisava voltar a ser aquela criança que perdera tudo.

Precisava descobrir a mulher que nasceria daquele sofrimento.

O passado não poderia ser mudado.

As pessoas que partiram não poderiam voltar.

As feridas não desapareceriam como se nunca tivessem existido.

Mas a história ainda não havia terminado.

Porque a última coisa que morre em uma terra ferida é a possibilidade de florescer.

E, em algum lugar profundo dentro de Rosa, uma pequena raiz permanecia viva.

Era a raiz de uma menina que, apesar de tudo, continuava respirando.

A raiz de uma mulher que ainda viria.

A raiz da última flor de Itamaraju.

APRESENTAMOS

VENTO SOMBRIO

POR MARCELO CUSTÓDIO DE JESUS

Marcelo Custódio de Jesus é natural de Belo Horizonte/MG, cidade onde reside. Graduado em Letras – Português/Inglês pela Universidade do Estado de Minas Gerais, é pós-graduado em Análise do Discurso e atualmente cursa Direito. Atua como instrutor de formação profissional na Prefeitura Municipal de Belo Horizonte. Apaixonado por literatura, linguística, filosofia e teologia, dedica-se à escrita de contos, poemas e romances, com compromisso com a formação crítica e humanística de leitores e alunos.



Vento sombrio que passa de noite,
Soprando com a neblina, gélido e ferino,
Que passa de longe e se sente na espinha.
Vento sombrio que passa de noite,
Trazendo sofrimento e dores e horrores.

— De onde vens, ó espírito que vem a passar?
— Venho dos quatro cantos do mundo, e esta terra vim rodear.
— Qual é teu nome, ó espírito noturno?
— Me chamo de Belzebu ou de Demônio Soturno.

O vento de noite que passa a soprar,
o demônio alado que sai a voar.
Sempre à noite ou ao amanhecer,
espírito de morte ou espírito da vida,
da cura ou do adoecer.

Nas sombras escuras, escondido está,
Sussurrando segredos ao luar.
Com suas asas de trevas, ele espreita,
Envolvendo a noite em sua fria manta preta.

O vento sombrio, com seu canto sinistro,
Traz histórias de tempos remotos, tempos antigos.
Passa pelos campos, florestas e mares,
Sem deixar rastro, apenas os pesares.

Vento sombrio que passa de noite,
Guardião de segredos, de temores e açoites.
Se o encontrar, não olhe para trás,
pois o demônio alado na escuridão se faz.

E assim segue o vento, eternamente a vagar,
Levando consigo almas, sem nunca parar.
No silêncio da noite, seu sussurro a ecoar,
lembrando aos vivos que ele está a chegar.

APRESENTAMOS

O MISTÉRIO DE NEW HAMPSHIRE

POR MARCELO CUSTÓDIO DE JESUS

Marcelo Custódio de Jesus é natural de Belo Horizonte/MG, cidade onde reside. Graduado em Letras – Português/Inglês pela Universidade do Estado de Minas Gerais, é pós-graduado em Análise do Discurso e atualmente cursa Direito. Atua como instrutor de formação profissional na Prefeitura Municipal de Belo Horizonte. Apaixonado por literatura, linguística, filosofia e teologia, dedica-se à escrita de contos, poemas e romances, com compromisso com a formação crítica e humanística de leitores e alunos.



Pedro Magnífico III era um homem de aparência impecável. Elegante, resoluto, mas sempre educado, vestia um terno preto que nunca parecia amassado. Seu semblante mantinha a juventude dos 27 anos, e sua fala era lenta, propositada, com um inglês perfeito. Pedro chegou a New Hampshire, uma pequena cidade do interior dos Estados Unidos, que raramente recebia visitantes.

Alugou uma pequena casa afastada do centro, perto da estrada que levava à velha serraria, e quase nunca era visto pelas ruas. Quando saía, era apenas à noite, como uma sombra elegante e misteriosa, cruzando a pracinha em frente à igreja ou parando alguns minutos na lanchonete do posto de gasolina, onde pedia sempre um café que nunca bebia. Certo dia, Pedro bateu na porta de uma casa onde morava Anne Moore, uma jovem que havia acabado de completar 18 anos. Com uma postura refinada e um olhar hipnotizante, ele a convidou para sair. Anne, fascinada pela presença enigmática de Pedro, aceitou o convite, mesmo contra os conselhos de amigos e familiares.

Os encontros com Pedro tornaram-se frequentes — um jantar tranquilo no único restaurante da cidade, uma caminhada ao anoitecer perto do lago — e Anne se encantava mais a cada dia. Após o terceiro encontro, Anne desapareceu sem deixar rastros. A pequena cidade ficou em choque, e os murmúrios sobre o intrigante forasteiro aumentaram nas conversas de vizinhança e nas filas do mercado.

Logo, Pedro começou a sair com outra jovem, Deborah Winter, de 19 anos. Os passeios seguiam o mesmo padrão de sempre: três ou quatro encontros discretos pela cidade antes que Deborah também desaparecesse misteriosamente. A polícia investigou, mas não encontrou provas contra Pedro.

Pedro, então, passou a sair com Jessica Winchester, uma jovem de 18 anos. No terceiro encontro, estavam em um lugar afastado, encostados no carro que Pedro havia alugado, à beira da estrada que cortava o bosque nos limites da cidade. Jessica, encantada por ele, arriscou um beijo, correspondido por Pedro. Ela se entregou ao momento, envolvendo-o em um abraço. Pedro, sentindo a pulsação quente do sangue de Jessica junto à pele, começou a beijar seu pescoço.

De repente, seus caninos cresceram, e ele perfurou a pele de Jessica, sugando todo o seu sangue. Saciado, Pedro deixou o corpo em um trecho isolado do bosque, longe da estrada, onde ninguém o encontraria tão cedo. Ele olhou para o celular, onde havia um novo nome na sua lista: Robertha, a quem todos na cidade chamavam apenas de Maggie.

A cidade de New Hampshire continuava sua rotina tranquila — os mesmos rostos na mercearia, o mesmo sino da igreja aos domingos —, sem saber que um predador elegante e mortal habitava entre eles, pronto para escolher sua próxima vítima.

Pedro Magnífico III sempre escolhia suas vítimas com precisão infalível. No entanto, quando Maggie cruzou seu caminho, ele percebeu algo diferente. Ela era inteligente, astuta e, embora demonstrasse um crescente afeto por Pedro, mantinha uma cautela constante. Sabendo, por um pressentimento que não sabia explicar, que algo misterioso e perigoso acontecia sempre no terceiro encontro, ela foi preparada.

No terceiro encontro, Pedro tentou repetir seu ritual. Levaram o carro a um local afastado, junto à velha ponte de madeira nos arredores da cidade, onde a noite parecia mais escura e silenciosa. Quando ele avançou para beijar seu pescoço, Maggie se esquivou com uma rapidez inesperada. Pedro, frustrado, revelou sua verdadeira natureza, transformando-se em uma criatura semelhante a um morcego gigante, com olhos vermelhos brilhantes e asas membranosas.

Maggie correu, mas Pedro a alcançou e a segurou com força. No entanto, enquanto ele a atacava, a pele de Pedro tocou o crucifixo que Maggie carregava desde a infância, um presente da avó. A reação foi imediata e dolorosa para ele: sua pele queimou com o contato, e ele soltou um grito agudo, recuando.

Ferido e enfraquecido, Pedro fugiu, deixando Maggie ilesa, mas abalada. Nos dias seguintes, ela sentiu uma estranha mistura de alívio e tristeza. Alívio por ter escapado, mas tristeza ao compreender a trágica e solitária existência de Pedro.

A cidade de New Hampshire notou que o misterioso forasteiro havia desaparecido. Com o passar do tempo, ele se tornou apenas uma lenda urbana, um sussurro esquecido nas conversas de fim de tarde na varanda.

Certa noite, com a janela aberta por causa do calor, Maggie adormeceu. Um pequeno morcego passou silenciosamente pela abertura, transformando-se em Pedro ao entrar no quarto. Ele olhou para o crucifixo esquecido sobre a escrivaninha e sorriu, um sorriso de predador que finalmente encontrou uma brecha. Aproximou-se de Maggie e, antes que ela pudesse reagir, mordeu seu pescoço, sugando a vida dela até a última gota.

Robertha Maggie foi encontrada sem vida na manhã seguinte, deitada em sua cama com um semblante sereno. A lenda de Pedro Magnífico III continuava, imortal e insaciável, nas sombras da noite.

APRESENTAMOS

O CANTO DO SABIÁ

POR MARCELO CUSTÓDIO DE JESUS

Marcelo Custódio de Jesus é natural de Belo Horizonte/MG, cidade onde reside. Graduado em Letras – Português/Inglês pela Universidade do Estado de Minas Gerais, é pós-graduado em Análise do Discurso e atualmente cursa Direito. Atua como instrutor de formação profissional na Prefeitura Municipal de Belo Horizonte. Apaixonado por literatura, linguística, filosofia e teologia, dedica-se à escrita de contos, poemas e romances, com compromisso com a formação crítica e humanística de leitores e alunos.



Em 1915, no coração do Brasil rural, vivia José das Dores, um homem simples e trabalhador. Pai de dez filhos, ele era conhecido por sua dedicação à família e à terra. Seus filhos, crescidos e robustos, ajudavam nas tarefas diárias, cada um contribuindo à sua maneira para o sustento da casa. O caçula, João, tinha 15 anos e ainda estava descobrindo seu lugar no mundo.

A vida seguia seu curso natural até que uma tragédia abalou a família. O filho mais velho, Joaquim, adoeceu repentinamente e, após alguns dias de sofrimento, veio a falecer. Durante o velório, um sabiá cantou incessantemente, seu canto melodioso contrastando com a tristeza que tomava conta do ambiente. José das Dores notou o pássaro, mas, naquele momento de dor, não deu grande importância ao ocorrido.

Passado um ano, outra calamidade abateu-se sobre a família. Outro filho, Antônio, adoeceu misteriosamente. Dias antes, José notara o mesmo sabiá cantando perto da janela de Antônio. No primeiro canto, o menino adoeceu; no segundo, seu estado piorou significativamente; e no terceiro, ele faleceu. Novamente, durante o velório, o sabiá cantou sem parar. A coincidência começou a inquietar José, mas ele ainda lutava para entender o que aquilo significava.

Na primavera seguinte, a praga que assolava a região chegou à porta de Manuel, o quinto dos irmãos. O sabiá pousou em seu parapeito três manhãs seguidas, e três manhãs seguidas José sentiu o peito apertar antes mesmo de ouvir o primeiro trinado. Rezou até a voz sumir, acendeu velas que a noite toda tremulavam, mas viu o filho definhar dia após dia, até que o silêncio tomasse conta do quarto onde antes só havia tosse e febre.

Meses depois, a doença bateu à porta de Pedro, o filho que mais lembrava José no jeito e no riso. Foi essa perda que mais rasgou a família: os irmãos mais velhos, já enrijecidos pelo costume amargo de cavar covas, não conseguiram conter o choro no velório, e nem o mais duro dos vizinhos ficou de olhos secos. José, por sua vez, não chorou diante de ninguém — na noite seguinte ao enterro, isolou-se no curral, e os que passaram por perto juraram ter ouvido, por trás do mugido do gado, o som abafado de um homem soluçando sozinho. Foi ali, na escuridão entre os animais, que jurou, com o punho cerrado, que não perderia mais nenhum filho, nem que precisasse arrancar o próprio sabiá do céu.

Para José, aquele pássaro tornou-se um arauto da morte, um presságio sombrio que anunciava a perda de mais um ente querido. Quando o sabiá cantou pela terceira vez

durante o velório de Pedro, a certeza de que o pássaro trazia a morte consolidou-se de vez em seu coração.

Desesperado para proteger os filhos restantes, especialmente o caçula João, José tentou de tudo para afastar o sabiá. Rezou orações fervorosas, fez simpatias e armou alçapões, mas nada parecia deter o pássaro. Os dias passavam e José vivia em constante vigilância, temendo o próximo canto do sabiá.

Depois de uma semana de angústia, José ouviu o sabiá cantar novamente. Desta vez, não foi na janela de João, mas na sua própria. O primeiro canto coincidiu com uma leve tosse que logo piorou. No segundo canto, José já estava de cama, sentindo a febre e a fraqueza tomarem conta de seu corpo. Ele sabia o que o terceiro canto significava, mas não havia nada que pudesse fazer.

No dia do terceiro canto, a família reunida chorava a perda de seu patriarca. José das Dores partiu, deixando um legado de luta e amor, mas também uma história marcada pelo estranho canto de um sabiá. Para aqueles que ficaram, o pássaro se tornaria um símbolo do inexorável ciclo da vida e da morte, uma lembrança perene dos tempos difíceis que enfrentaram.

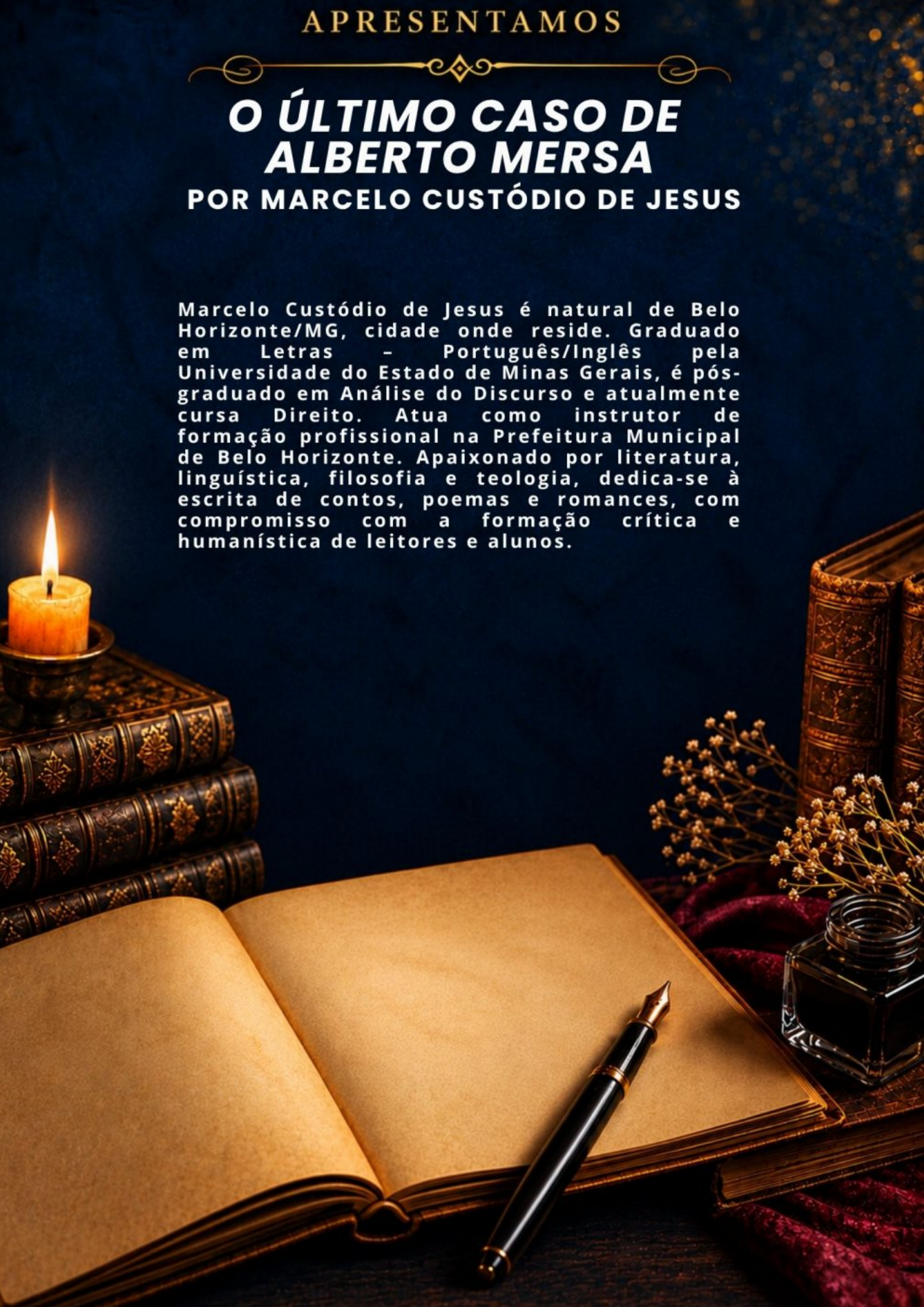
E assim, o canto do sabiá ecoou pela eternidade, um som que, para a família de José das Dores, nunca mais seria ouvido da mesma maneira.

APRESENTAMOS

O ÚLTIMO CASO DE ALBERTO MERSA

POR MARCELO CUSTÓDIO DE JESUS

Marcelo Custódio de Jesus é natural de Belo Horizonte/MG, cidade onde reside. Graduado em Letras – Português/Inglês pela Universidade do Estado de Minas Gerais, é pós-graduado em Análise do Discurso e atualmente cursa Direito. Atua como instrutor de formação profissional na Prefeitura Municipal de Belo Horizonte. Apaixonado por literatura, linguística, filosofia e teologia, dedica-se à escrita de contos, poemas e romances, com compromisso com a formação crítica e humanística de leitores e alunos.



Alberto Mersa, um policial com quase três décadas de serviço, estava a seis meses de se aposentar. Era um homem metódico, movido não pela vontade de fazer a diferença, mas por uma curiosidade quase obsessiva. Em uma cafeteria, observava atentamente a outra esquina, onde um jovem carregava um livro azul desgastado. Aquele era o rapaz que Mersa vinha perseguindo havia semanas, suspeito de infanticídio. O livro azul mexia com a mente de Alberto; ele imaginava que poderia conter segredos sobre o crime ou pistas para futuras vítimas. O que havia naquele livro?

Nos dias seguintes, Mersa seguiu o rapaz discretamente, ansioso para encontrar provas que o incriminassem. Sua curiosidade era voraz, alimentada pela necessidade de resolver o enigma que o livro representava. Ele passava horas imaginando o que poderia estar contido naquelas páginas: planos, diários, nomes de futuras vítimas? Cada possibilidade alimentava ainda mais sua obsessão. Depois de um trabalho exaustivo, finalmente conseguiu reunir evidências suficientes para acusar o rapaz. Porém, ao tentar prendê-lo, o jovem fugiu, iniciando uma perseguição desenfreada pelas ruas da cidade.

Alberto corria, desviando de carros e pedestres, com o pensamento fixo em duas coisas: sua aposentadoria iminente e o que poderia fazer depois dela. Mas, naquele momento, só importava pegar o rapaz e descobrir o conteúdo do livro. O cansaço pesava em suas pernas, mas a urgência de desvendar o mistério o mantinha firme. Quando finalmente conseguiu capturar o criminoso, o livro azul não estava com ele. Na casa do rapaz, encontrou fitas e vídeos incriminadores, mas o livro não estava em lugar algum.

Apesar de ser aclamado por seus colegas, Alberto não conseguia tirar da cabeça a ideia do livro. Aquela lacuna o incomodava profundamente. Sentia uma frustração crescente, como se parte do quebra-cabeça estivesse faltando. Decidiu então ir a um bar, ainda pensativo sobre o que poderia haver no livro. Enquanto bebia, a central da polícia anunciou a presença de outro criminoso nas proximidades, com uma descrição que chamou sua atenção: um homem com um livro azul.

Sem pensar duas vezes, Mersa saiu em perseguição, sua aposentadoria cada vez mais distante em sua mente. Viu o homem e começou a segui-lo. A perseguição foi árdua, com o suspeito percebendo a presença do policial e acelerando o passo. Mersa, mesmo cansado, não desistiu. Sua mente estava inundada por imagens de segredos ocultos, confissões escritas à mão e pistas que o levariam a outros mistérios. Em um momento de tensão, o livro escapou das mãos do homem e caiu em um lago próximo.

Alberto parou na beira do lago, encarando a água escura e fria. Estava a seis meses de se aposentar. A lógica e a razão gritavam para que ele desistisse, mas a obsessão falou mais alto. Incapaz de deixar o mistério sem resposta, ele mergulhou nas águas geladas. Com grande esforço, finalmente encontrou o livro. Tremendo de frio, ele o abriu com mãos trêmulas, apenas para descobrir que suas páginas estavam completamente em branco. Cada folha vazia parecia zombar de sua obsessão, uma ironia cruel que se desdobrava em sua mente.

Quando chegou à última página, Mersa notou algo que fez seu coração parar. Em letras minúsculas, quase invisíveis, havia uma mensagem: “Descanse”.

Seria mais um mistério a decifrar, ou seria o próprio universo dizendo a ele que já era hora de descansar?

As palavras dançavam diante de seus olhos, carregadas de uma ironia amarga. O mistério nunca estivera no livro, mas em sua própria obsessão. E, naquele momento, ele soube que jamais encontraria descanso, nem mesmo após a aposentadoria. Afinal, o que significava, para ele, descansar?

Fim?

APRESENTAMOS

EU, PERDIDO

POR MARCELO CUSTÓDIO DE JESUS

Marcelo Custódio de Jesus é natural de Belo Horizonte/MG, cidade onde reside. Graduado em Letras – Português/Inglês pela Universidade do Estado de Minas Gerais, é pós-graduado em Análise do Discurso e atualmente cursa Direito. Atua como instrutor de formação profissional na Prefeitura Municipal de Belo Horizonte. Apaixonado por literatura, linguística, filosofia e teologia, dedica-se à escrita de contos, poemas e romances, com compromisso com a formação crítica e humanística de leitores e alunos.



Em meio ao vazio,
sentindo um pouco de frio,
a noite vestida de nuvens.
As luzes das ruas, baixas,
nem acesas nem apagadas.
Tão vazio no caminhar,
sem ninguém para acompanhar.
A noite parece tão distante,
a lua não está radiante.

Estou sem sorriso,
não acompanho meus passos,
não estou andando comigo.
A rua não acaba na esquina,
assim como a minha sina.
A folha que cai não está sozinha,
as folhas são levadas pelo vento,
mas eu estou perdido em pensamentos.

Continuo a andar
como alma a apenar,
mas não é o vento que a conduz.
Não sei o que me seduz,
talvez um pouco de luz
ou a noite sem luar.

A rua faz uma curva,
muda a direção para lá.
Não sei se vou adiante
ou se vou recuar,
mas não vou parar de andar.

Não queria estar sozinho,
quero encontrar comigo
ou talvez com você.
Esteja onde estiver,
a rua não acaba na esquina,
nem com as forças das minhas pernas.

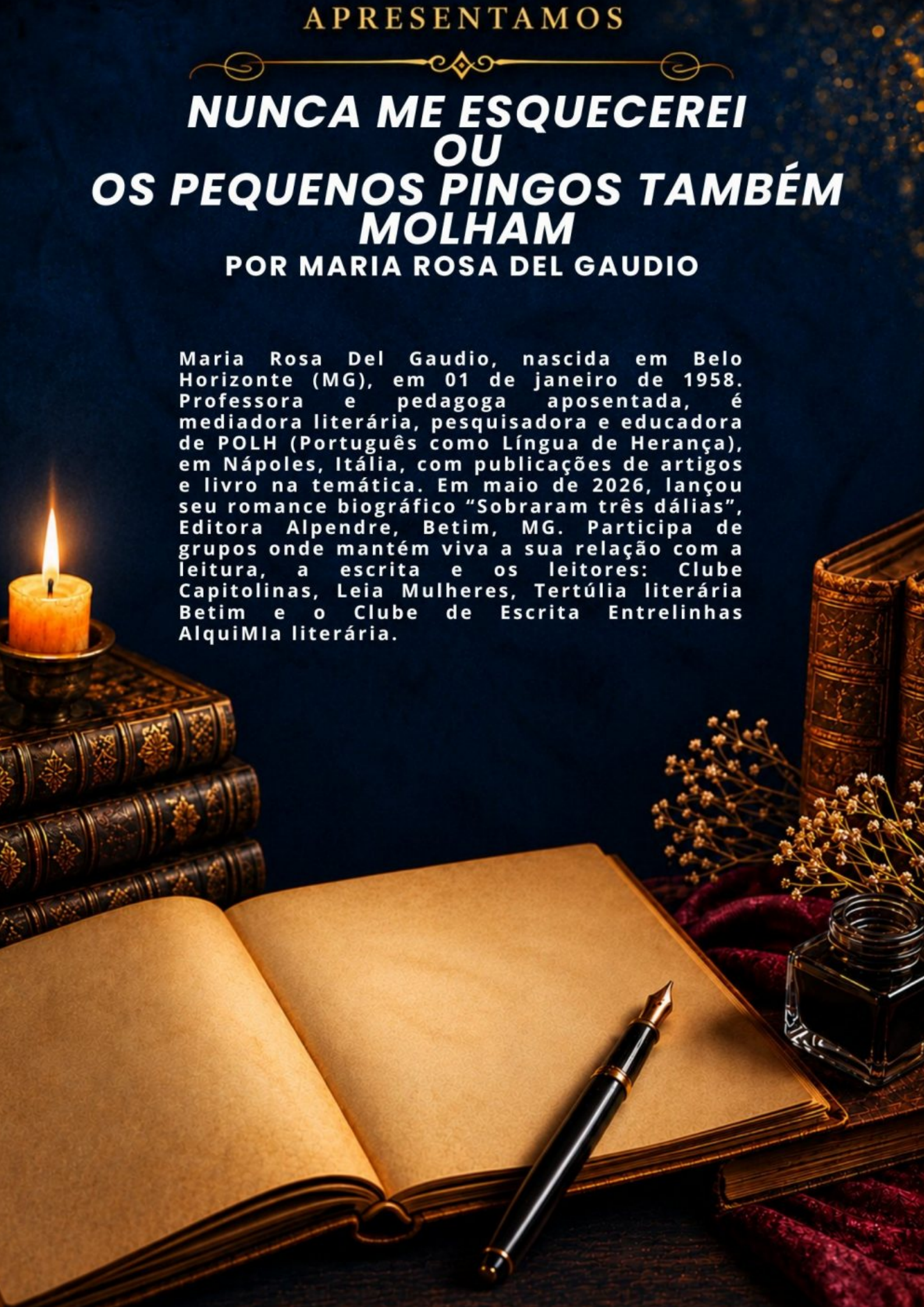
Há tantas nuvens no céu;
não são carregadas pelo vento,
parecem movidas pelo pensamento.
Porque nessas nuvens eu vejo você
ou estou me vendo,
como um espelho refletido
do meu eu esquecido.
Um reflexo perdido,
levado pelos céus,
por nuvens que são tão cruéis,
afastando meu eu de mim.

APRESENTAMOS

NUNCA ME ESQUECEREI OU OS PEQUENOS PINGOS TAMBÉM MOLHAM

POR MARIA ROSA DEL GAUDIO

Maria Rosa Del Gaudio, nascida em Belo Horizonte (MG), em 01 de janeiro de 1958. Professora e pedagoga aposentada, é mediadora literária, pesquisadora e educadora de POLH (Português como Língua de Herança), em Nápoles, Itália, com publicações de artigos e livro na temática. Em maio de 2026, lançou seu romance biográfico “Sobraram três dálias”, Editora Alpendre, Betim, MG. Participa de grupos onde mantém viva a sua relação com a leitura, a escrita e os leitores: Clube Capitolinas, Leia Mulheres, Tertúlia literária Betim e o Clube de Escrita Entrelinhas AlquiMIa literária.



Naquela manhã ela sentia muita dor. Fazia cinco dias de sua cirurgia no fêmur, e a filha nunca havia visto a mãe assim, tão triste! Certo que a sua idade já não ajudava: 106 anos. Mas há quinze dias se falaram pela videochamada e a mãe estava bem, alegre, lúcida e brincalhona como sempre!

— Coma, mãe, é um mingau de aveia, você gosta! Ah, fiz abacate com açúcar e limão. Lembra o tanto que a senhora comia? Nada! Nenhuma vontade de comer! Aquela mulher que até poucos dias comia de tudo, com vontade e prazer, desapareceu.

As lembranças que a filha tinha da mãe doente ou em momentos de dor da alma ou dor física eram as melhores: uma pessoa forte, corajosa e com muita vontade de viver, de superar os problemas e tocar a vida! Jamais vira a mãe assim, tão pra baixo!

De repente o som da campainha interrompeu aquelas lembranças. A filha foi ver de quem se tratava. Era uma senhora alta, negra, cabelos brancos e de bengala. Ela se apresentou: — Sou a Margarida, amiga da dona Teresa. Fiquei sabendo que ela não está bem e queria vê-la.

A filha pensou: finalmente a visita de uma amiga, quem sabe agora a minha mãe vai comer alguma coisa? Ela amava estar com as amigas para um café e um bate-papo que durava horas.

Enquanto entrava caminhando com dificuldades, a senhora disse que conhecia a dona Teresa desde quando moravam na vila e que ela tinha uma grande afeição e gratidão por ela.

Ao chegar ao quarto, a cena foi emocionante. Teresa deitada, alheia a tudo. Margarida se aproximou, a abraçou e disse, chorando: — Oh, minha amiga, que triste ver você assim!

Sentou-se na beirada da cama, pegou na mão da amiga e falou: — Ela me ajudou num momento em que eu mais precisava! Durante um temporal, uma parte do meu barracão caiu e ele foi todo destelhado. Até eu receber o dinheiro da Defesa Civil, não tinha para onde ir e a dona Teresa acolheu a mim e ao meu filho na sua casa. Ela e o marido saíram da cama de casal e deixaram para nós dois dormirmos juntos. Meu menino tinha três anos. Hoje está com 43. Eu fiquei na casa por seis meses. Na época eu trabalhava de doméstica, saía cedo e só voltava de noite. Ela e o marido cuidavam do Gilvan para eu ir pro serviço. Ficavam o dia inteiro com ele. Quando ele chorava e não queria dormir, o sr. José tocava gaita e a dona Teresa cantava com o meu filho no colo até

ele se acalmar e dormir. Eles também eram pobres, lutavam com dificuldade, mas o que comiam, nós também comíamos! Nunca vou me esquecer disso!

Contou isso num choro sentido. As lágrimas desceram de seus olhos como uma chuva fina que vai te molhando lentamente e te fazendo perceber que os pequenos pingos também têm força.

APRESENTAMOS

BRINQUEDO

POR MARÍLIA VASCONCELOS RODRIGUES

Marília Vasconcelos Rodrigues é graduada em Direito pela Universidade Federal de Ouro Preto - UFOP e servidora pública ocupante do cargo de Assistente Administrativo no Serviço Autônomo de Água e Esgoto - SAAE de Itaúna/MG. Gosta de escrever.



Alguém me coloca de cabeça para baixo.
Joga no chão e pisa como se eu fosse capacho.
Puxa de lá...
Puxa de cá...
Mamãe, ao longe, recomenda:
Cuidado para não quebrar seu brinquedo!
Tarde demais...
Já estou em pedaços e não adianta emenda...
Eu choro de medo...
Minhas peças não são imortais.
Passei nos testes de qualidade,
mas não aguentei as experiências a que me submeteram.
Sou apropriado para a idade,
mas as brincadeiras doeram.
Brinquedo quebrado e largado,
que se pergunta, inconsolado:
Será que não perceberam
que eu carrego sentimentos?
Será que não entenderam
sobre danos e sofrimentos?
Será que não é evidente
que eu também sou gente?

APRESENTAMOS

DIÁRIO

POR MARÍLIA VASCONCELOS RODRIGUES

Marília Vasconcelos Rodrigues é graduada em Direito pela Universidade Federal de Ouro Preto - UFOP e servidora pública ocupante do cargo de Assistente Administrativo no Serviço Autônomo de Água e Esgoto - SAAE de Itaúna/MG. Gosta de escrever.



Páginas amareladas,
guardiãs de segredos,
declarações e medos.
Por lágrimas, marcadas.
Com escrita desalinhada
e recordações perfumadas.
Flor seca e desbotada
que conserva parte do que fomos.
Quando seus olhos ainda brilhavam junto com os meus
e fazíamos planos diferentes do que hoje somos.
Antes de nossas histórias serem reescritas com o seu adeus.
E a casa ser abandonada,
o jardim ficar descuidado
e a vidraça quebrada.
Antes de tudo ter ficado no passado.
Hoje, envelhecida e por rugas marcada,
leio o que escrevi.
E mantenho o mesmo segredo da juventude:
Não o esqueci.
Não deixei você partir.
Guardei cada gesto, cada jura, cada atitude,
para formar um mosaico imperfeito,
com uma recordação que sempre irá me seguir.
Você ficou guardado no fundo do diário de alguém que você amou.

APRESENTAMOS

O METRÔ

POR MARILU F QUEIROZ

Publicitária, escritora e aquarelista. Mestre em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (SP).
Associada à REBRA (Rede de Escritoras Brasileiras) e à ACIMA (Associazione Culturale Internazionale Mandala), da Itália.
Autora de livros de contos, obras didáticas e dissertação sobre arte.
Possui textos publicados em antologias e revistas eletrônicas no Brasil, na Alemanha, nos Estados Unidos, na França, na Itália, em Portugal e na Suíça.



São Paulo, estação Ana Rosa do metrô, cinco da tarde. Inúmeras pessoas apinhavam-se na plataforma formando uma densa massa humana. Senti a presença de alguém próximo, que não parava de me olhar. A insistência era tanta que, mesmo de forma involuntária, vi-me na obrigação de tentar identificar o insistente personagem.

Era uma senhora bem aparentada, por volta de seus sessenta e oito anos, muito bem trajada, com ares de intelectual, óculos de lentes grossas e olhos escuros que beiravam a negritude da noite sem lua. Sua expressão denunciava uma história sem muitos percalços, cuja vida passara meio despercebida, mas de uma forma suave e sem marcas. Seu rosto, apesar de seus olhos, mostrava a nudez da alma e quase chegava a demonstrar a dignidade das velhas e solitárias senhoras. Cheguei a nutrir por ela um sentimento de carinho e cumplicidade.

Absorta em meus pensamentos, não percebi que passara a estação Consolação, que era o meu destino. O jeito era descer na estação Sumaré e pegar o metrô de volta para corrigir o meu erro sem grandes problemas de atraso, pois tinha uma entrevista marcada e saíra já com bastante antecedência.

Já no trajeto correto, com o pensamento no que teria de falar na entrevista, não percebi a proximidade de um olhar persistente; foi como um *“déjà vu”* — olhos insistentes como os da senhora do metrô. Olhei na direção de onde vinha, tamanha a insistência. Gelei! Era a mesma senhora de olhos gentis, só que agora com olhos frios como o vento que sopra nas noites de inverno.

Percebi sua proximidade. Era como se fosse algo ameaçador — qual seria o motivo para mudança tão repentina? Seria eu um alvo tão frágil assim, que valia a pena empreender uma perseguição tão insistente a ponto de trocar de metrô para seguir em meu encalço?

A essa altura o meu sentido já aguçado dava sinais de alerta. O medo do que estava por vir era iminente, uma sensação estranha que percorria a espinha, um fio desconfortável que me fazia suar ao mesmo tempo em que sentia frio e calor provocados pela sensação de perigo.

O que faz com que tenhamos as mais diversas reações frente ao desconhecido. É um desconforto total, uma falta de segurança que nos deixa frágeis e nos torna presa fácil de oportunidades e pessoas de índole duvidosa. Com essa sensação imaginei que virara mais uma vítima da oportunidade.

Essa situação toda provocou um calor localizado no alto da cabeça que arrepiava o couro cabeludo, descia e me esquentava o rosto. Com essa estranha sensação de medo, meus pensamentos aceleraram e tornaram mais claros meus objetivos; a única vontade que essa situação desperta é a de fugir, desfazendo o mal-estar e amenizando a vulnerabilidade provocada pela sensação do perigo iminente. Somos seres aparentemente fortes e destemidos até o momento em que nos expomos a qualquer tipo de perigo.

Estação Clínicas, arriscar ou descer imediatamente? Era a questão a ser resolvida de forma urgente. As duas alternativas eram extremas e arriscadas; não se podem prever os acontecimentos antes da hora. Resolvi então descer na estação certa, correr o risco e torcer para que o pior não acontecesse.

Interessante: nessas ocasiões parece que o tempo não passa, tudo tem uma demora significante, absurda. O metrô, que costuma ser muito rápido, ficava um tempo maior nas estações, contrapondo-se à insistência daquele olhar.

Estação Consolação, rápida e preocupada com a inconveniente proximidade, desci. Já na escada rolante, olhei para trás e para os lados na esperança de estar só. Alívio, ninguém por perto. Caminhando em direção à saída, um pensamento começou a tomar conta de mim. Alguma coisa me dizia para tomar cuidado. Que sensação estranha essa a de pressentir o perigo; meu estômago dava sinais de desconforto provocando enjoo. A cabeça doía tamanha a tensão, um ardor nos olhos, típico da pressão emocional em que me encontrava, ao mesmo tempo em que os meus dedos formigavam.

Andei mais rápido, atenção redobrada — Rua Augusta, ufa! Acho que tudo não passou de impressão, fantasia, sei lá. Relaxei e voltei a pensar na entrevista quando ouvi uma voz doce ao meu lado. Olhei e qual não foi a minha surpresa!

— Olá! Você não se lembra de mim? Eu sou Isabel, a sua primeira professora!

APRESENTAMOS

QUÃO PEQUENOS!

POR SELLMA LUANNY

A autora publicou três livros de poesia de sua autoria e participou de duas antologias – em papel. Tem participado de e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.



Vejam a Lua!
Sem nunca conceitos bradar
sem falas ou promessas,
pronunciar,
imperiosa força
exerce este astro
sobre nós
pequenos... terráqueos.

Sintam o Universo!
Sem nos endereçar,
sem se amparar em nossas
fórmulas ou cânones...
na sua misteriosa ordem,
o Cosmos...
a nos governar...
humanos... pequenos.

APRESENTAMOS

O AMIGO COZINHEIRO

POR SELLMA LUANNY

A autora publicou três livros de poesia de sua autoria e participou de duas antologias – em papel. Tem participado de e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.



Era uma família amiga... e simpática - o que contava muito.

Então aceitou o convite daqueles amigos para cozinhar num dia prazeroso para todos.

Talvez umas seis a oito pessoas? - contando com ele. Não se preocupava com o número exato de convivas. Se fosse algo fora do usual, com certeza, avisariam!

Chegou o dia.

Lembrou-se, na ida para a casa dos amigos, que esquecera de confirmar o número de comensais e o cardápio desejado.

Mas, pensou que mais um ou menos um não faria a diferença. E o cardápio? Usaria o que estivesse disponível. Nada seria um empecilho para uma alegre ocasião... e a sua experiência.

E foi.

Chegou cedo, bem antes da hora marcada, para arrumar a "sua" cozinha.

A senhora da casa, com um sorriso e delicadeza além dos usuais - para a sua estranheza - veio ao seu encontro e o levou, por uma porta lateral, diretamente para a cozinha.

Sobre uma mesa e um largo balcão, uma quantidade volumosa de ingredientes. Além de uma geladeira abarrotada.

O cozinheiro, meio surpreso, perguntou então, se deveria preparar uma refeição de três pratos. E quem seriam os ajudantes - para cortar, lavar...

A senhora, e suposta amiga, disse que ele iria ter vários ajudantes e gostaria que preparasse uma refeição de doze pratos - "à moda Chinesa", completou - para trinta pessoas.

O cozinheiro engoliu a seco e disse que faria o máximo possível - mas, sem confirmar o número exato de pratos.

Pediu licença por um instante e telefonou para o seu restaurante, fazendo uma enorme e devida encomenda. Seriam vários pratos em quantidade suficiente para trinta pessoas, por um preço razoável. Mas não sairiam das suas enganadas mãos.

Afinal, mais uma lição e um importante lembrete: "amigos, amigos... negócios à parte"!

APRESENTAMOS

OLHAR O MAR

POR SUZANA MARA SACCHI PADOVANO

Nasceu em São Paulo e estudou no Colégio Dante Alighieri. Obteve o diploma de Bacharel em Desenho Industrial e Comunicação Visual pela Faculdade de Comunicações e Artes da Universidade Mackenzie.

Possui o diploma de Mestre em Desenho Industrial pela Rhode Island School of Design – RISD, em Providence, Rhode Island, EUA. Foi Coordenadora da Faculdade de Design de Moda da FAAP.

Abriu seu próprio escritório de Design, ganhou vários prêmios, escreveu livros, artigos e poesias. Trabalha com artes gráficas e pintura.



Me acalma olhar o mar
numa manhã patética
cedinho acordo e espreito pela janela aberta
aquela imagem plana e pacífica
verde oliva
de mar brasil
de cor magnífica
qual paleta eclética

surfistas vêm e vão
acalentados pelas ondas lentas
nas quais penetram
impávidos e atentos
e as garcinhas brancas
se aconchegam nas velhas barcas coloridas
antes repletas de vida
que ora silenciadas
lhes servem de regozijo

à noite
um colar de luzes peroladas
constela o mar negro azulado
e os reflexos espalmados
lembram lantejoulas
das fantasias carnavalescas lúdicas e incendiadas

me acalma olhar o mar
porque ele mostra
na sua grandeza e potência infinitas
a pequenez do meu olhar constrito
às minutas mazelas que me afligem
no mea-culpa da vertigem sem sentido
desta vida.

CONHEÇA OUTROS

TÍTULOS DA COLEÇÃO

SELO

CONEXÃO LITERATURA

// LITERATURA QUE CONECTA, *EMOCIONA* E *TRANSFORMA!*

TENHA ACESSO AOS TÍTULOS DA COLEÇÃO:

CLIQUE AQUI!



HISTÓRIAS QUE INSPIRAM | EMOÇÕES QUE CONECTAM | PALAVRAS QUE TRANSFORMAM | AUTORES QUE ENCANTAM

FIQUE POR DENTRO DO *MUNDO DOS LIVROS!*

VISITE: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR

CURTA: FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA

SIGA: INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA

INSCREVA-SE: YOUTUBE.COM/CONEXAONERD

E-MAIL: ADEMIR@DIVULGALIVROS.ORG

PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS.
LEIA NOSSOS EDITAIS EM ABERTO.

CLIQUE AQUI!